

# **Relatório**

## **AVALIAÇÃO EXTERNA DO PROJETO**

***Co-Construindo uma Rede de Educação para a Cidadania Global  
no meio escolar***

Irene Santos  
Eliaana Madeira

**Janeiro, 2016**

# Índice

## Introdução

### 1. Enquadramento metodológico

- 1.1. Avaliação por pares
- 1.2. Opções metodológicas

### 2. O projeto e sua execução

- 2.1. Apresentação do projeto
- 2.2. Execução

### 3. Rede Fortalecida

- 3.1. Definir “Rede Fortalecida”
- 3.2. Construção e aplicação do questionário
- 3.3. Análise dos dados obtidos no questionário
- 3.4. Análise das observações

### 4. Co-construção da Rede

- 4.1. Exercício “diagramas da rede”
- 4.2. Análise das interações
- 4.3. Síntese: visões sobre o passado, o momento atual e horizontes de futuro

### 5. Síntese e Recomendações

## Conclusão

## Bibliografia

## Anexos

- Anexo 1. Questionário de avaliação da Rede de Educação para a Cidadania Global
- Anexo 2. Respostas ao questionário
- Anexo 3. Exercício “diagramas da rede”
- Anexo 4. Transcrição do diálogo a partir do exercício “diagramas da rede”
- Anexo 5. Diagramas desenhados pelos grupos
- Anexo 6. Recomendações dos membros

## Introdução

Este documento constitui o relatório final da avaliação externa do projeto *Co-Construindo uma Rede de Educação para a Cidadania Global no Meio Escolar*, coordenado pelo CIDAC - Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral e desenvolvido em parceria com a Fundação Gonçalo da Silveira (FGS), co-financiado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.

O projeto observado teve início a 01 de dezembro de 2013 e término a 30 de novembro de 2015.

A avaliação externa norteia-se por três principais objetivos.

Em primeiro lugar, pretende-se analisar o processo e as dinâmicas de implementação do projeto, verificando-se a efetividade da sua execução face aos objetivos, resultados e atividades propostas em sede de candidatura e observando alterações, desvios em relação ao plano e sua devida justificação.

Em segundo lugar, porventura o mais complexo e desafiante, a avaliação assume o objetivo de analisar o processo de construção coletiva da Rede e a sua progressiva autonomização, ao longo do projeto.

Finalmente, tendo em conta que a Rede de Educação para a Cidadania Global (ECG) era pré-existente ao projeto e pretende perdurar para lá do seu calendário, a avaliação pretende contribuir para a identificação de estratégias capazes de reforçar a sua consolidação.

O documento que se inicia é composto por cinco capítulos, repartidos por um Enquadramento Metodológico, um segundo capítulo que se ocupa da apresentação do projeto e análise da sua execução, dois capítulos que descrevem a construção e aplicação de instrumentos de recolha de dados e apresentam e analisam os dados obtidos, e um quinto em que se apresentam uma síntese e apreciação geral, bem como algumas recomendações para o futuro da Rede.

De forma mais detalhada, no primeiro capítulo apresenta-se uma reflexão teorizante sobre a avaliação por pares, sobre as particularidades e potencialidades que esta modalidade de avaliação pode representar no âmbito das organizações da sociedade civil (OSC). Este texto conta com o contributo das organizações da parceria que foram auscultadas relativamente às expectativas, motivações e mais-valias previstas e quanto às dificuldades e riscos que possam decorrer da opção pela contratação de uma organização par para desenvolver a avaliação externa do projeto.

No Enquadramento Metodológico ainda se apresentam as opções concretamente assumidas no quadro deste trabalho, em termos de abordagem, estratégia e atividades desenvolvidas.

No capítulo 2. O projeto e sua execução, efetua-se primeiramente uma apresentação sumária do projeto, inserindo-o na história da construção da Rede e uma avaliação da realização das atividades inicialmente planeadas e dos resultados esperados.

O capítulo 3. Rede Fortalecida começa pela descrição do referencial de avaliação, elaborado em conjunto com as organizações da parceria, a partir da identificação das propriedades ou características consideradas importantes na Rede em co-construção. Este quadro de referência

serviu de base para conceber um questionário que foi aplicado a membros da Rede e cujos resultados são apresentados e discutidos ao longo deste capítulo. Também se apresentam e analisam as notas das observações registadas no decurso do 7º Encontro de trabalho da Rede, em que a equipa de avaliadoras participou.

No capítulo 4., Co-construção da Rede, descreve-se um exercício de avaliação proposto aos elementos da Rede, apresentam-se e analisam-se os seus resultados.

Finalmente, o capítulo 5, de Síntese e Recomendações, apresenta uma apreciação que, organizada por temas, tem em conta os dados recolhidos e integra um conjunto de comentários e recomendações para o desenvolvimento da Rede.

Na conclusão, em traços largos, é feita uma súmula da apreciação geral do projeto. O processo de avaliação é alvo de uma reflexão sobre a forma como decorreu, alusiva ao enquadramento metodológico inicial.

A bibliografia e os anexos completam e finalizam este documento.

Para que se possa entender em que consiste a Rede de Educação para a Cidadania Global, passamos a transcrever um texto com que a própria Rede se apresenta, disponível no site: [www.rede-ecg.pt](http://www.rede-ecg.pt)

### **A Rede de Educação para a Cidadania Global**

“A Rede ECG constituiu-se em outubro de 2013, durante um Encontro de trabalho de educadores/as que validou o Referencial elaborado ao longo de cerca de um ano, durante reuniões presenciais e com recurso a comunicação a distância. É uma rede informal, na medida em que os seus membros escolheram não a formalizar juridicamente, funcionando na base do trabalho colaborativo.

“Começou com 16 participantes e foi crescendo, paulatinamente, atraindo educadores/as através do contacto com colegas e amigos/as membros ou da sua participação em Encontros nacionais. Em janeiro de 2016 a Rede ECG tinha 63 membros, que vivem e trabalham nos seguintes distritos: Aveiro, Braga, Évora, Coimbra, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal e região autónoma da Madeira. Ser membro implica assumir os compromissos enunciados no Referencial da Rede e contribuir com 12,00€ por ano (simbolicamente 1,00€ por mês) para o Fundo da Rede ECG.

“A base de atividade da Rede ECG são o que denominámos de dinâmicas locais “*que respondem às necessidades, potencialidades e desafios dos contextos particulares, em relação com os contextos globais*” (do Referencial da Rede ECG). Para partilhar e refletir sobre o que se faz no âmbito da ECG, a Rede organiza anualmente um Encontro nacional de Educação para a Cidadania Global, que em 2015 congregou 137 participantes de vários pontos do país. Outros campos de intervenção são a co-organização ou participação em ações de formação temáticas e metodológicas, a elaboração e divulgação de recursos pedagógicos e a apresentação de comunicações na área da ECG.

“O funcionamento da Rede baseia-se na troca regular de experiências e de saberes e no trabalho colaborativo no quadro de grupos de trabalho. Os membros reúnem presencialmente três vezes por ano, em diferentes locais, ao mesmo tempo que utilizam meios de

comunicação digital. A animação e coordenação da Rede está a cargo da Equipa de Dinamização, anualmente renovada.

“Durante os dois primeiros anos da Rede, o seu financiamento foi suportado por um projeto de Educação para o Desenvolvimento cofinanciado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, o mesmo acontecendo, a partir do final de 2015, relativamente a algumas das atividades, em particular o Encontro nacional de ECG. No entanto, a questão da sustentabilidade tem sido alvo de reflexão e tomadas de decisão coletivas e todas as atividades internas são custeadas pelos próprios membros, que disponibilizam os seus recursos para assegurar, por exemplo, viagens e estadas para a participação nos três Encontros de trabalho anuais” (<http://www.rede-ecg.pt/>).

# 1. Enquadramento metodológico

## 1. 1. Avaliação por Pares

A “avaliação por pares” corresponde a um tipo singular de avaliação externa, cuja principal característica é ser realizada por uma organização similar ou próxima daquela(s) que será(ão) avaliada(s). Neste texto vamos concentrar-nos sobre os ganhos, potencialidades e limitações que podem advir de uma avaliação por pares no contexto de Organizações da Sociedade Civil (OSC).

Além do estudo da literatura sobre a matéria, a elaboração deste texto teve em conta a experiência descrita neste relatório, e baseia-se ainda nos pontos de vista, expressos pelas pessoas das organizações que encomendaram o trabalho, relativamente aos ganhos e limitações desta modalidade de avaliação.

Uma organização par é próxima o suficiente para poder compreender o contexto em que se desenvolve o projeto a avaliar e a complexidade que lhe é inerente. Trata-se de recorrer a organizações “informadas sobre os desafios do setor” (Laybourn, Christina, 2011). Por outro lado, um par é exterior, o que permite a distância e estranheza relativamente à ação em observação, isto é, à formulação de perguntas e pontos de vista diversos daqueles que seriam internamente possíveis.

O reconhecimento da condição de paridade não se limita à mera identificação de semelhanças, por exemplo, ao nível estatutário. Para que uma organização considere uma outra enquanto par é necessário que se reveja nela, que se identifique, que considere existir um entendimento comum sobre questões consideradas importantes, isto é, que reconheça a existência de afinidades nalguns destes cinco níveis:

- Afinidades ao nível da intervenção, sendo o âmbito da ação comum;
- Afinidades temáticas, existindo uma proximidade ao nível dos temas e das questões que se abordam na intervenção;
- Afinidades metodológicas, fazendo uso de ferramentas similares que se enquadram em linhas conceptuais próximas e coerentes com os objetivos traçados;
- Afinidades ao nível do funcionamento, pela estrutura e lógicas institucionais de enquadramento e suporte do trabalho;
- Afinidades em termos de visão, pela proximidade na aceção larga de mundo e de horizontes de mudança em que se investe.

O presente texto compõe-se de três partes, esta primeira, de natureza introdutória e em que se tentou clarificar o que torna as organizações pares. Seguidamente elabora-se acerca das especificidades de uma avaliação realizada por pares. E finalmente, considera-se o caso particular da avaliação por pares entre OSC.

### **A avaliação por pares: forças e limitações**

A dimensão mais evidente na avaliação realizada por pares situa-se na **horizontalidade**. A

relação que se estabelece entre as organizações não é, ou será menos, hierarquizada na medida em que todas conhecem e lidam com dificuldades, limites parecidos e na medida em que qualquer uma das organizações poderia ocupar os lugares de avaliado e de avaliador.

A horizontalidade que caracteriza as relações entre pares é facilitadora de um dos elementos que se apresentam entre os mais difíceis na avaliação, a confiança. As afinidades entre organizações par, bem como a confiança que está implicada num processo desta natureza, tornam possível uma abordagem colaborativa, um diálogo aberto e construtivo, explorando o potencial formativo da avaliação.

Diretamente decorrente desta, pode apontar-se outra dimensão, relativa à **reversibilidade de papéis**. Qualquer uma das organizações pode, ou poderá, ser sujeito ou objeto de uma avaliação deste tipo. Uma organização avaliada pode, num momento ulterior, avaliar a organização que já a avaliou no passado (ou uma outra). Este elemento concorre fortemente para a horizontalidade que, desta forma, está presente não apenas na situação de uma dada avaliação externa, mas extrapola para um tempo mais largo, para o médio/longo prazo.

A **dimensão formativa** está entre as potencialidades desta modalidade de trabalho avaliativo e concerne a todas as partes envolvidas. Para os avaliados, a possibilidade de autorreflexão impulsionada pela observação da sua ação espelhada num olhar exterior, será característica transversal e desejável de qualquer processo de avaliação. No entanto, para a organização avaliadora, a observação distanciada de uma prática semelhante às que acontecem ou podem acontecer na sua própria organização obtém um carácter formativo particular. Há como que um olhar para si e pensar-se através de outra organização similar (par) que permite um questionamento e olhar crítico que de outra forma não seria possível, com retorno evidente sobre as suas próprias práticas.

A aprendizagem também pode ser considerada mutuamente, pela partilha que a proximidade na avaliação proporciona. Podem trocar-se modos de fazer, conceitos, ferramentas, enfim experiências. Também pode permitir aprofundar reflexões que no dia-a-dia, na urgência da ação, são deixados para segundo plano e que têm ali possibilidade de acontecer com interesse para as organizações envolvidas.

Do conjunto de características referidas até agora, facilmente se pode depreender que uma avaliação por pares potencia o **reforço mútuo** das Organizações da Sociedade Civil. Esta aproximação potencia o reforço da colaboração entre as OSC, a união de esforços que podem passar por diversos aspetos. O reforço é, desde logo, técnico: ao solicitar a avaliação a uma organização par, há um reconhecimento e um estímulo à capacitação metodológica e conceptual, potencialmente enriquecida pela dimensão formativa assinalada. Tal é tanto mais relevante quanto entre pares é possível uma atenção focada em áreas de especificidade.

O reforço é também financeiro, na medida em que se orientam verbas disponíveis para a organização avaliadora, par, um elemento com particular importância quando se trata de organizações que se inscrevem no âmbito da economia social e solidária.

Na mesma linha, o reforço encontra-se ainda na articulação entre conhecimento e ação, entre saber e saber fazer, já que uma avaliação é ocasião para visitar a experiência por quem está diretamente envolvido.

No que se refere ao processo de avaliação, a existência de uma linguagem comum, a partilha

de visões, as afinidades de pontos de vista, bem como a proximidade conceptual e metodológica, permitem uma compreensão do contexto e do projeto necessariamente diferente de outros avaliadores externos. Neste sentido, pode dizer-se que há ganhos em termos de **tempo e da qualidade do processo de avaliação**.

A “empatia” entre organizações facilita ainda o aprofundamento da compreensão do vivido, de entre outras razões porque fazem menos sentido atitudes defensivas e de auto-justificação. Neste sentido, a avaliação por pares é facilitadora de uma leitura mais **compreensiva** dos processos. Dificilmente se torna um exercício mecânico e distanciado que acrescenta pouco às organizações, da ordem unicamente da prestação de contas, e que pode assumir um cariz de “avaliação sanção”.

Podem levantar-se questões de (im)parcialidade: implicação e/ou neutralidade; pode contrapor-se que este olhar mais “habitado” poderá reduzir a “distância” e deixar passar coisas importantes, poderá comprometer a pretensa “objetividade” e rigor dos processos de avaliação. E poderá ser limitada a capacidade crítica de uma organização avaliadora por ter experienciado dificuldades semelhantes. Com efeito, é expectável que tenha uma maior facilidade de colocar-se na pele, contextualizar e assim justificar eventuais falhas e desvalorizar desvios ao plano, tal como imprevistos e incumprimentos. Considera-se desejável subjetivar a objetividade, e possível objetivar a subjetividade, para retomar Boaventura de Sousa Santos, para o que, neste caso, importa o uso de ferramentas sistemáticas de recolha de informação e dos dados a refletir analisados sob um olhar vigilante e crítico.

No entanto, pode também interrogar-se a condição de objetividade e de subjetividade de qualquer outro avaliador externo. Na medida em que se estabelecem relações entre pessoas e organizações, na medida em que as relações são sempre atravessadas por relações de poder, na medida em que as relações contratuais e institucionais são portadoras de formas próprias e incontornáveis de subjetividade, o equilíbrio entre subjetividade e objetividade é uma tarefa que requer uma atenção constante, em qualquer situação de avaliação.

### **Especificidades de um processo envolvendo OSC**

A contratação de uma OSC para avaliação é, antes de mais, uma forma de reconhecimento e valorização das suas capacidades críticas e reflexivas. Neste sentido, é uma opção política e solidária, coerente com o desejo e com o compromisso de reforço das OSC. O facto de haver pouca tradição e experiência acumulada por parte das OSC na avaliação externa de projetos, habitualmente conduzida por outros atores, poderá gerar desconfiança e o questionamento da credibilidade dos resultados da avaliação por parte das entidades financiadoras e mesmo de outras OSC. O reconhecimento da competência neste domínio não está assegurado *a priori* e a consciência desta condição, aumenta a exigência sobre as OSC.

As OSC partilham alguns elementos que podem ser potenciados, no caso de uma avaliação por pares, a escolha desta modalidade pode trazer ganhos para o aprofundamento dos mesmos. Destacam-se quatro elementos: trabalho orientado para a mudança; ancoragem na ação e inovação: áreas e modos específicos de intervenção; lidar com os participantes investidos enquanto atores sociais; valorizar uma cultura da avaliação. Seguidamente enumeramos cada elemento, explicitando o modo como uma avaliação por pares pode contribuir para um



reforço destas organizações.

#### Trabalho orientado para a mudança

Trata-se de uma área ambiciosa de intervenção que é particularmente exigente na articulação entre reflexão e intervenção. No entanto, a interrupção do trabalho com fim à reflexão costuma ser minorizada sob a pressão das urgências e desafios da ação. Neste sentido, a avaliação pode constituir-se em momento de pausa e numa reflexão, estimulado por quem é sensível à dimensão praxeológica. Uma avaliação realizada por pares, pela proximidade, partilha e compreensão mútua acima referidas, pode mais facilmente possibilitar que o momento de avaliação se constitua em momento (auto)reflexivo, isto é, fazer dialogar a ação com os objetivos largos a que a organização avaliada se propõe, recolocar os fundamentos face à materialidade quotidiana, às estratégias escolhidas. Mais uma vez, esta potencialidade reverte para ambas as organizações presentes, avaliada(s) e avaliadora(s).

#### Ancoragem na ação e inovação: áreas e modos específicos de intervenção

A opção por uma avaliação por pares pode favorecer o saber produzido. É recorrente que grande parte do saber fazer assuma um carácter eminentemente implícito, tornando a sua explicitação e transmissão dependentes das pessoas singulares que estão implicadas na ação. A possibilidade de explicitar processos e de os visibilizar pode fazer da avaliação por pares um contributo para a produção de uma memória coletiva e transmissível.

Por outro lado, focalizadas em questões e contextos muito singulares, o trabalho das OSC passa com frequência pela criação de modos experimentais e inovadores de intervir. Conforme assinala Sierra (2009), “é da nossa responsabilidade saber comunicar sobre o sentido nas nossas ações”. Uma avaliação elaborada por pares estará mais apta, pelos motivos apontados, para participar na sistematização das experiências, e contribuir para o reforço da argumentação. É uma capacitação técnica valiosa: a contratação cria condições para que as organizações desenvolvam competências na área, por exemplo, de avaliação de projetos, ou de redes.

#### Lidar com os participantes investidos enquanto atores sociais

É esperado que as OSC, ao conduzirem processos de avaliação, façam opções metodológicas que valorizam a participação, ajustando-se à dinâmica própria do trabalho e sendo coerentes com as metodologias do projeto a avaliar.

Anne Kaboré (2009) lembra que o trabalho “visa mais criar uma necessidade de solidariedade e de mudanças, através de uma tomada de consciência, do que responder a uma necessidade que se traduziria em termos de falta. O seu objetivo consiste em tornar as pessoas atores do seu processo educativo, ainda que se fale de 'público-alvo'. Esta particularidade apela à necessidade de uma coerência metodológica da avaliação. Em particular tratando-se de processos participativos, é desejável o recurso a ferramentas deste teor na implicação dos próprios 'públicos'. Tal permite entrar em contacto e em diálogo com a história e com a memória do projeto em observação e permite consolidar a sua apropriação reflexiva na ação

avaliada. Neste sentido, a opção metodológica concorre para os próprios objetivos do projeto.

#### Valorizar uma cultura de avaliação

Não estando consolidado um saber de avaliação em Educação para o Desenvolvimento, a avaliação por pares pode dar um contributo para o aprofundamento desta área de saber, participando na construção da figura do avaliador em ED.

Este exemplo de avaliação em ED chama a atenção para o cariz mais qualitativo, vulgo compreensivo, da avaliação: “Avaliar algo ou alguém é elaborar e propor, a seu respeito, uma apreciação. É, então, um processo que se refere à ordem do vivo, temporal-histórico, mais atento, finalmente, ao sentido e aos significados próprios e particulares, do que à coerência, compatibilidade ou conformidade a determinados modelos” (Ardoino e Berger, 1989). O desafio implica compreender os sistemas de referência aos quais atenderá a leitura e análise dos fenómenos considerados na avaliação, imprescindível no processo de nutrir o património de reflexão e conhecimento coletivos desejados.

#### Conclusão

Neste texto, procurou-se abordar uma modalidade de avaliação ainda por explorar e desenvolver. Pelas potencialidades que pudemos observar e vivenciar, optou-se por centrar a atenção nos ganhos que uma avaliação por pares pode proporcionar para ambas as partes envolvidas, organizações avaliadoras e avaliadas. Em síntese, é uma tipologia de avaliação que permite o reforço das OSC e das relações que mantêm entre si, e permite opções metodológicas diferentes das convencionais.

Trata-se de considerar uma cultura de avaliação que se aproxima de uma ferramenta pedagógica. Indo além da prestação de contas, fazer da avaliação um momento de olhar retrospectivo, de enriquecimento de uma memória coletiva sobre os processos. Tarefa desafiante que se coloca em especial em contexto de OSC, que para Kaboré (2009) consiste em “conciliar trabalho sobre os resultados com um trabalho sobre a análise dos processos, cujos resultados são por definição inesperados!”.

### 1. 2. Opções metodológicas

#### Abordagem avaliativa

No documento de candidatura deste projeto, a avaliação é enunciada em função das “metodologias participativas, envolvendo particularmente a equipa de projeto e os/as participantes mais ativos/as da “Rede ECG”” (p. 32). A relevância desta explicitação está na procura de uma concordância metodológica em todo o projeto, já que o mesmo documento aponta que “participação e co-responsabilização constituem o fundamento” (p. 27).

A avaliação do projeto *“Co-Construindo uma Rede de Educação para a Cidadania Global no meio escolar”* foi atribuída ao Graal. Coordenado pelo CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral e desenvolvido em parceria com a Fundação Gonçalo da

Silveira (FGS), o projeto foi observado e analisado a partir do olhar externo de uma entidade que, tal como as promotoras, é uma Organização Não Governamental de Desenvolvimento (ONGD).

O trabalho a empreender requer conceber o facto de dois elementos que ora se conjugam e que determinam a sua especificidade: a opção por uma avaliação por pares e o facto das organizações em presença serem ONGD com experiência em ED, cujo trabalho reverte diretamente para uma intenção de mudança. Existem, pois, elementos afins entre as organizações implicadas que se reconhecem como pares:

- Afinidades de intervenção: as organizações têm atividade no quadro da Educação para o Desenvolvimento e partilham a experiência de criação, dinamização e coordenação de redes;
- Afinidades temáticas: as organizações ocupam-se de temas da Educação para o Desenvolvimento;
- Afinidades metodológicas: tal acontece claramente na opção pelas metodologias participativas;
- Afinidades de funcionamento: além de serem Organizações Não Governamentais de Desenvolvimento, partilham o investimento em metas e objetivos de longo prazo que é suportado por projetos de curta duração, com exigências, lógicas e ritmos próprios;
- Afinidades nas conceções do mundo e nas perspetivas sobre as mudanças exigidas.

A atitude avaliativa assumida pela equipa, reporta-se sobretudo a uma procura de compreender os fenómenos, para além da perspetiva de verificação. Esta atitude manifesta-se através: do entendimento do percurso do projeto e de um trabalho (avaliativo) adaptado, elaborado, em função da singularidade do processo em causa; e através da inspiração em metodologias de cariz participativo coerentes com o próprio projeto analisado, que envolva a diversidade de atores, individuais ou coletivos, em presença.

O trabalho de avaliação inscreve-se numa dinâmica prospetiva por parte dos membros: observar e refletir sobre o que aconteceu para um reinvestimento estratégico no futuro próximo da Rede.

Concebemos um processo de avaliação externa:

- adequado às características particulares e à dinâmica do projeto em análise; concebendo instrumentos de raiz, conjugando metodologias qualitativas e quantitativas; fazendo uso de dados previamente recolhidos, otimizando recursos;
- comprometida com o seu valor de uso, trazendo elementos (aprendizagens e recomendações) úteis para o futuro da Rede; garantindo a presença em momentos-chave, assumindo uma atitude participante; envolvendo a auscultação de diferentes intervenientes no projeto; acedendo e cruzando pontos de vista, valorizando os significados que se atribuem ao experienciado no projeto;
- que corresponda a um processo participativo e negociado, desenvolvido numa dinâmica de co-responsabilização e em estreito diálogo com o CIDAC e a FGS, chamadas a participar nas diferentes etapas do processo de avaliação (conceção, implementação, interpretação dos dados, discussão de conclusões e recomendações).

## Estratégia

Em termos de estratégia metodológica deu-se particular relevância à recolha de informação num processo dialogado, particularmente com as organizações parceiras. Foram realizadas reuniões com as equipas do CIDAC e da FGS tendo em vista:

- a) clarificar expectativas e os termos de referência para a avaliação e acordar a proposta metodológica para a avaliação, a partir da discussão de uma proposta apresentada pelo Graal;
- b) explorar vantagens e limitações da opção por uma avaliação por pares;
- c) analisar e validar instrumentos de pesquisa construídos;
- d) recolher dados para a avaliação;
- e) analisar criticamente as produções da equipa de avaliação externa.

Além das reuniões com as equipas do CIDAC e da FGS, recorreu-se também a outras fontes, a saber:

- 1) Documentação produzida ao longo do projeto;
- 2) Observação direta, através da presença da equipa de avaliação em dois momentos chave da vida do projeto: X Encontro nacional de ECG (Lisboa, 7 de julho de 2015) e 7º Encontro de trabalho da Rede (Lisboa, 24 e 25 de outubro de 2015);
- 3) Questionário que acede às perspetivas e vivências dos elementos da Rede, concebido a partir de um referencial co-construído com as ONGD parceiras;
- 4) Exercício, proposto aos membros, sobre a evolução da Rede.

## 2. O projeto e a sua execução

### 2.1. Apresentação do projeto

O projeto “Co-construindo uma Rede de ECG no meio escolar”, inscreve-se, segundo o documento de candidatura, como um contributo para a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED), em particular para as medidas de:

2.3. Promoção de trabalho colaborativo entre os estabelecimentos de educação e ensino e formação e entidades públicas e privadas que intervêm em ED;

2.6. Criação de condições para a afirmação das escolas e agrupamentos como organizações de educação para a cidadania que inclua a dimensão do desenvolvimento.

As duas organizações parceiras contam com uma larga experiência nesta área de trabalho. É a partir desta experiência que tem origem a ideia de constituir uma Rede de Educação para a Cidadania Global:

*“(...) verificamos que os e as docentes querem combater a desmotivação e o isolamento intelectual e afetivo na profissão e desejam conhecer melhor o que é a Educação para a Cidadania Global (ECG) e como se pode concretizar um trabalho colaborativo entre colegas, assim como com a escola e outras instituições coletivas. A ECG surge como uma possibilidade de fazer face às dificuldades do presente e de contribuir para construir, sobre outras bases, o futuro.*

*A constituição de uma “rede de ECG” surge como um meio de dar corpo a estas necessidades e desejos. Se for realizada de modo cooperativo entre vários atores (...)”.*  
(documento de candidatura)

A criação da Rede tem antecedentes, tendo-se iniciado em 2007 um processo de reunião e construção coletiva que viria a constituir-se como Rede de ECG, que agrega pessoas que pretendem promover a ECG nos seus contextos educativos. A Rede pretende constituir-se como espaço formativo e de troca de informação e experiências, de acompanhamento de iniciativas de ECG entre pares. Conforme é explicitado no documento de candidatura:

*“O atual projeto surge como seguimento de um trabalho de vários anos levado a cabo pelos promotores do projeto, destacando-se mais recentemente o **projeto “Reinventar Fronteiras – percursos de proximidade entre atores educativos de Educação para a Cidadania Global”**, que teve início em 2011 (...) O processo de articulação a que o projeto “Reinventar Fronteiras” deu continuidade, tendo por base o reforço da ECG na educação escolar, reconhecendo educadores e educadoras como atores fundamentais e multiplicadores.*

*(...)*

*“Resultado de um percurso e de uma evolução natural em processos de ED/ECG, este projeto surge agora como uma nova etapa (...) A mais-valia deste projeto assenta sobretudo nas vantagens que poderão ser recolhidas das sinergias e complementaridades advindas do processo desenvolvido conjuntamente com os educadores/as (...) [em] que a ideia de “rede” adquiriu pertinência, tendo sido validada*

*após o encontro de trabalho realizado no mês de outubro do ano de 2012, no qual os educadores e educadoras participantes confirmaram a relevância da criação de uma “rede de ECG em meio escolar” em Portugal. De facto, o grupo de educadores/as decidiu clara e unanimemente avançar com a construção da Rede de Educador@s ECG, o que demonstra que o caminho percorrido permitiu consolidar o trabalho em equipa e a valorização, de forma ampla e transversal, da ECG. A “Rede de Educação para a Cidadania Global” nasceu em outubro de 2013, durante o encontro de educadores/as que validou o Referencial da Rede.”*

Neste sentido, foi definido o projeto “Co-construindo uma Rede de ECG no meio escolar”, com o intuito de: potenciar e congregar capacidades no meio escolar e motivar atores educativos para enfrentar os desafios do nosso tempo com base em valores e princípios de Educação para a Cidadania Global (objetivo geral), através do fortalecimento do processo de co-construção de uma Rede de Educação para a Cidadania Global no meio escolar (objetivo específico).

O projeto pretendeu envolver um conjunto de destinatários diretos - atores educativos em meio escolar (individuais e coletivos) e instituições educativas; bem como destinatários indiretos: pessoas envolvidas em organizações da sociedade civil, organizações públicas, sindicais, profissionais ou outras, e redes nacionais ou internacionais.

No decorrer destes dois anos de “Co-construindo uma Rede de ECG no meio escolar” estava previsto abordar os seguintes temas:

*“(1) os que estão **relacionados com a ECG, quer na perspetiva de reforço temático e metodológico dos e das educadores/as, quer na perspetiva do que possa ser trabalhado no meio escolar, no atual momento sobretudo em dois espaços:***

*- na própria escola, enquanto projeto congregador de todos os seus elementos e das famílias dos e das alunos/as, em comunicação com o meio envolvente;*

*- e com os e as alunos/as, em cada uma das disciplinas.*

*(2) os que estão **relacionados com as questões metodológicas de construção de uma “rede” e têm a ver com o conhecimento de outras experiências deste tipo, com as necessidades e exigências organizativas e com a comunicação interna e externa.***

*A escolha específica dos temas a tratar são da responsabilidade da própria Rede, numa lógica de auto-responsabilização dos seus participantes. No entanto, há dois temas que se assumem como prioritários, à partida, no presente projeto:*

*- **conceito e práticas de ECG:** este é um interesse transversal, que merece sempre um progressivo aprofundamento para quem já o conhece e que justifica abordagens de apresentação e introdução para quem é novo na matéria;*

*- **partilha de experiências:** é uma prática muito apreciada, mas pouco refletida no seu significado e nas suas potencialidades, pelo que a equipa de projeto se propõe recolher bibliografia, dar a conhecer metodologias e abrir campo para uma reflexão coletiva, assim como para a experimentação e avaliação de vários formatos que, por sua vez, alimentarão a própria reflexão e darão origem a novas experiências.*

Na candidatura do projeto “Co-Construindo uma Rede de Educação para a Cidadania Global no meio escolar” estavam previstas nove atividades, organizadas em torno de dois resultados esperados. O primeiro resultado (R1) apontava “**Atores educativos em meio escolar informados e com conhecimentos para promover a ECG**”. Para o alcançar foram planeadas cinco atividades:

A1.1. Realização de 3 oficinas temáticas e metodológicas a partir de temas escolhidos no âmbito da Rede ECG

A1.2. Apoio ao funcionamento de 2 grupos de trabalho para ações de sensibilização e multiplicação entre pares

A1.3. Dinamização do funcionamento da Biblioteca Básica do Desenvolvimento (BBD)

A1.4. Dinamização do funcionamento do Banco de Recursos de ECG

A1.5. Dinamização da comunicação da Rede ECG para o exterior

O segundo resultado esperado (R2) reporta-se a “**Atores educativos em meio escolar capacitados para o trabalho colaborativo no âmbito da ECG**”. Para a realização deste resultado previram-se quatro atividades:

A2.1. Dinamização do funcionamento da Rede ECG

A2.2. Apoio a 2 dinâmicas locais, por ano, a partir de necessidades locais diagnosticadas pelos atores educativos

A2.3. Realização de 1 oficina, por ano, de partilha, metodologicamente orientada, de experiências educativas no âmbito da ECG

A2.4. Realização de 1 Encontro Nacional, por ano.

## 2.2. Execução

Recorrendo à informação produzida e disponibilizada pela equipa do projeto e à informação por nós recolhida pela observação e no contexto das reuniões realizadas com as organizações parceiras, tentámos determinar em que medida o projeto foi executado de acordo com o previsto e dar conta dos seus resultados, bem como apurar as causas e os processos que explicam os resultados obtidos.

Não é nossa pretensão descrever detalhadamente as atividades realizadas no projeto, comparando o planeado com o realizado, até porque este trabalho foi já realizado pelas organizações parceiras nos relatórios de execução da primeira e da segunda fases.

Propomo-nos, assim, elaborar uma apreciação geral relativamente ao cumprimento das atividades e à realização dos resultados.

Concluimos que a maioria das atividades foram realizadas, pelo que se pode dizer que a taxa de execução do projeto é bastante elevada. Contudo, observam-se alguns desvios em parte justificáveis pela própria dinâmica de funcionamento da Rede ECG.

Os desvios observados – tanto por excesso como por defeito – relativamente às atividades

propostas em sede de candidatura explicam-se, de modo geral, por uma adequação da dinâmica do próprio projeto às disponibilidades, prioridades e decisões tomadas pelos membros da Rede.

Neste projeto pretendeu-se concorrer para um processo de autonomização da Rede, para a apropriação da mesma por parte das pessoas que a integram. Tal implica que as atividades vão sendo decididas e assumidas conjuntamente pelos seus membros. Com efeito, pudemos testemunhar nas observações realizadas (adiante descritas e analisadas), a assunção de responsabilidades por parte dos membros da Rede, apoiada e estimulada pelas organizações parceiras.

Neste sentido, cremos que uma parte dos desvios apresentados resultam do ajustamento às necessidades, prioridades e aos contextos daqueles que estão diretamente interessados e implicados no trabalho da Educação para a Cidadania Global.

Com base nos relatórios de atividades da 1ª e 2ª fases do projeto fornecidos pelas duas organizações, é possível observar que há atividades que não foram realizadas ou foram sub-executadas e outras que foram realizadas de acordo com o plano, ou ainda sobre-executadas. Surgiram também realizações não previstas inicialmente.

#### **Atividades sub-executadas ou não executadas:**

A atividade A1.1 previa a realização de 3 oficinas temáticas e metodológicas, tendo apenas sido realizadas 2 (em Vila Nova de Famalicão a 18/02/2014 e em Lisboa a 28/11/2015) por razões que se prendem com a disponibilidade dos membros da Rede. Em compensação, na segunda fase do projeto, estruturaram-se momentos formativos, com o formato de oficina, no contexto de dois dos Encontros de trabalho<sup>1</sup> da Rede ECG.

As atividades A1.3 dinamização do funcionamento da Biblioteca Básica do Desenvolvimento e a A1.4 dinamização do funcionamento do Banco de Recursos de ECG, foram apenas parcialmente realizadas. Apesar das organizações reconhecerem a relevância destas atividades, não asseguraram a estruturação e consolidação destas dinâmicas ao longo do projeto. Constatou-se que foram selecionados materiais e recursos a disponibilizar e que há intenção de que estas atividades se venham a materializar, de forma a que os educadores e as educadoras tenham um mais fácil acesso a recursos bibliográficos e a propostas de atividade de que possam apropriar-se, estando também previsto, no que se refere ao Banco de Recursos, que os elementos da Rede venham a contribuir com as suas ideias e experiências.

As oficinas sobre a partilha de experiências (A2.3) não foram realizadas. O reconhecimento da relevância desta atividade por parte das ONGD parceiras não foi partilhado pelos restantes membros da Rede, que não a consideraram prioritária.

#### **Atividades executadas ou sobre-executadas:**

<sup>1</sup> Na Baixa da Banheira, a 07/02/2015, e em Gualtar, a 11/05/2015, foram preparados e concretizados como oficinas sobre “o trabalho em rede” e sobre “interligações entre o local e o global”, respetivamente.



A segunda atividade (A1.2) previa o apoio a 2 grupos de trabalho para ações de sensibilização e mobilização entre pares. Foi dado apoio, em cada ano, a 3 grupos de trabalho, que desenvolveram, no total, 13 ações de sensibilização. Estes grupos surgiram como resposta à necessidade expressa pelos membros da Rede de sensibilizar e mobilizar os seus pares para a ECG, reduzindo o isolamento experienciado por muitos daqueles que se empenham na introdução de conteúdos de ECG nas escolas.

Durante este projeto foi fornecido apoio a duas dinâmicas locais (A2.2), ou seja, conforme a memória do 4º encontro de trabalho realizado a 11 e 12 de Outubro de 2014, foi dado apoio a dinâmicas que se caracterizam pelo “trabalho desenvolvido por uma equipa, de preferência multidisciplinar e que pode progressivamente ir envolvendo mais escolas ou agrupamentos de uma mesma localidade ou região”. As dinâmicas apoiadas foram as do Seixal (esta última, entretanto desaparecida em resultado de uma mudança no executivo municipal que exerceu até então um papel significativo de estímulo) e de Gualtar/Braga, ainda em vigor.

Também foram realizadas ações de apoio e estímulo a outras dinâmicas “embrionárias”: Setúbal, Montijo, Moita, Loures, Peniche e Madeira (quanto a esta última, no plano de atividades da Rede de 2016, prevê-se uma evolução para “dinâmica local”). Foi também criado o grupo “primeiros passos” que, segundo o mesmo documento, corresponde a um grupo de partilha e apoio mútuo formado pelas/os educadores/as, membros da Rede, que estão mobilizados para dar os seus “primeiros passos”, na Educação para a Cidadania Global.

Os 2 encontros anuais previstos (A2.4) foram realizados, contando com elevados níveis de participação (83 participantes, no IX Encontro nacional de ECG e 137 no X) e reunindo educadores e educadoras dos ensinos pré-escolar, básico, secundário e universitário de diversas partes do país, incluindo da Região Autónoma da Madeira e outros atores da sociedade civil. Pudemos observar, in loco, o empenho dos membros da Rede na organização e desenvolvimento do X Encontro, assumindo responsabilidades diversas, inclusive de co-facilitação das sessões. Salienta-se a diversidade dos temas explorados<sup>2</sup>, a centralidade conferida à partilha de experiências, enquanto ponto de partida para a criação de espaços para o diálogo e aprendizagem.

Quanto à atividade A1.5, dinamização da comunicação da Rede ECG para o exterior, registam-se os diferentes momentos (apresentações em congressos e seminários<sup>3</sup>) e suportes (vídeos,

<sup>2</sup> Durante este X Encontro foram dinamizados espaços de diálogo sobre cinco temas: Primeiros passos na introdução da ECG nas nossas práticas; Pensar o local sem perder de vista o global; Fortalecer o nosso conhecimento sobre ECG; Levar a ECG às escolas, a partir das questões da Soberania Alimentar; Levar a ECG às escolas, a partir dos minerais livres de conflito. No Encontro anterior haviam sido tratados 4 temas: Formação e capacitação; Propostas de Integração curricular; Dinâmicas de escola/agrupamento; Publicações e recursos temáticos.

<sup>3</sup> A Rede ECG foi apresentada no seminário “Trabalhar (s)em Rede em Educação. Dinâmicas de Cooperação”, realizado na Escola Superior de Educação de Setúbal, no dia 10/05/2014, com um artigo correspondente que irá integrar a publicação *Trabalhar (s)em Rede em Educação. Dinâmicas de Cooperação*, produzida pela ESE; A Rede ECG foi apresentada nos próprios IX e X Encontros Nacionais organizado pela Rede ECG, em Julho de 2014 e 2015; na sessão de formação acreditada de professores no Agrupamento de Escolas de Mira (21/03/2015); no âmbito das atividades da Semana Africana e da apresentação da revista Sinergias no Instituto de Educação da Universidade do Minho (26/05/2015) no X Encontro nacional de ECG, Lisboa (04/07/2015); num encontro de jovens que estavam em processo de formação de uma rede, Sintra (21/07/2015); no Congresso Internacional Galaico-Português, La Coruña

painéis,...) criados para a comunicação externa. Quanto aos canais para a comunicação externa, à data de conclusão do projeto, o Website estava ainda em construção e o email da Rede ainda não estava em funcionamento.

Foi criada uma equipa responsável pela comunicação externa da Rede ECG e foram desenvolvidos esforços, intensificados na fase final do projeto, no sentido da construção de uma estratégia de comunicação com o exterior: identificando-se os públicos, os objetivos para a comunicação, as mensagens, as estratégias e táticas/instrumentos para difundir estas mensagens. Ainda relativamente a esta atividade é de salientar a elaboração de um guião de apresentação da Rede, bem como diversas apresentações feitas por membros da Rede, que não estavam previstas nesta atividade.

No que respeita à dinamização do funcionamento da Rede (A2.1) é consensual a representação de que se assistiu, ao longo da vida do projeto, a níveis de autonomização crescentes - tema que desenvolveremos com maior profundidade no capítulo “Co-construção da Rede”. Foram constituídas equipas responsáveis pela dinamização das atividades conjuntamente planeadas e uma equipa de cinco elementos especificamente responsável pela dinamização do funcionamento da Rede ECG.

Conforme a memória do Encontro de trabalho da rede 17 de maio 2014, cabe à equipa de dinamização: 1. Fomentar a comunicação regular entre os membros da Rede; 2. Preparar as reuniões presenciais da Rede; 3. Dar feedback dos resultados das reuniões (que serão, sobretudo, reuniões para fazer o ponto de situação e ver de que forma se pode contribuir para agilizar o trabalho da Rede).

A renovação da equipa, de acordo com a decisão tomada no mesmo Encontro: deve ser parcial, mantendo-se sempre algum ou alguns elementos; o “mandato” da pessoa que entra na equipa deve manter-se, pelo menos, por 1 ano e, no máximo, por 3; constitui-se a equipa na 1ª reunião do ano da Rede.

As equipas reúnem-se em grupos de trabalho que inicialmente se centraram unicamente em questões da organização da vida da Rede, tal como o grupo de (auto)avaliação, comunicação com o exterior, organização do Encontro Nacional, entre outros. Recentemente, foram também criados grupos que se ocupam de questões de ordem temática, como por exemplo aquele que se propõe trabalhar a Educação Sexual e Afetos numa perspetiva de ECG e um outro que se propõe refletir sobre como trabalhar o voluntariado numa perspetiva de ECG, a partir das práticas já existentes, de modo a propor novas abordagens.

Ao longo dos dois anos da vida do projeto, realizaram-se seis encontros de trabalho presenciais, em diferentes pontos do país – Porto, Lisboa, Moita, Braga - bem como reuniões via skype, tendo-se garantido a comunicação regular entre os membros da equipa de dinamização da Rede ECG.

A participação prevista nos Encontros anuais da Rede Espanhola de Educadores apenas foi assegurada na primeira fase do projeto. Contudo, os membros da Rede tiveram oportunidade de contacto com aquela Rede, dado que dois dos seus membros participaram no X Encontro

---

(03/09/2015); num Seminário nacional sobre ECG e numa reunião com ONGD, Bruxelas (24-25/09/2015); no Seminário Internacional sobre Cooperação para o Desenvolvimento, organizado pela FEC, Lisboa (19/11/2015).

nacional de ECG.

Nas linhas que se seguem analisaremos em que medida as atividades do projeto concorreram para os resultados esperados, nomeadamente:

RE 1. Atores educativos em meio escolar informados e com conhecimentos para promover a ECG.

RE 2. Atores educativos em meio escolar capacitados para o trabalho colaborativo no âmbito da ECG.

Relativamente ao RE 1. o projeto ofereceu oportunidades capazes de proporcionar conhecimento e informação no âmbito da ECG, tanto do ponto de vista temático, quanto metodológico. As oficinas e ações de sensibilização são as atividades mais obviamente “informativas”. Conforme as memórias produzidas sobre as formações e ações de sensibilização, estes momentos contam com uma reflexão de ordem conceptual, exercícios que permitem uma apropriação e a ponte com a realidade vivida pessoal ou profissionalmente pelos participantes, e experiências de trabalho pedagógico em ECG. As avaliações formuladas pelos formandos são positivas e de forma geral, demonstram vontade em continuar e aprofundar. Em todos os encontros, nacionais ou de trabalho, se organizaram momentos para troca de práticas e conhecimento e o seu potencial está patente nas avaliações, podendo-se aceder a testemunhos como este: “Sim, [Este Encontro correspondeu ao que pensei que devia ser um Encontro de trabalho da Rede?] porque: (...) - acolheu novos elementos e transmitiu-lhes o espírito desta Rede; - alargou horizontes pelo acolhimento de novas ideias, experiências e propostas” (avaliação do Encontro de Trabalho de 17 de maio de 2014, Lisboa); ou “- Muita partilha entre todos os membros presentes; - Dinâmicas ativas e aliciantes para práticas futuras; - Tornei-me ainda mais educadora/cidadã global” (avaliação formulada por um(a) educador(a) relativamente ao 7º encontro de trabalho, a 24 e 25 de outubro de 2015).

Os resultados do questionário aplicado no quadro desta avaliação externa, que são apresentados e analisados no capítulo “Rede Fortalecida”, permitem concluir que os membros são unânimes em reconhecer que a Rede constitui um espaço de aprendizagem, temática e sobretudo, metodológica.

Para a realização deste primeiro resultado contribuiu também o envolvimento dos educadores e educadoras no desenvolvimento de ações de sensibilização dos seus pares, desde logo, porque se multiplicam as oportunidades de outros educadores e educadoras contactarem com a ECG, desencadeando-se, em alguns casos, o desejo de saber mais, de obter mais informação e adquirir conhecimentos necessários para desenvolver iniciativas de ECG. As oficinas e ações de sensibilização são, como ficou explícito pelas observações e pelo questionário, momentos significativos de cooptação de novos membros para a Rede. No caso de se pretender ampliar a dinâmica pedagógica a uma perspetiva mais coletiva por parte dos e das educadoras, a oficina de formação constitui um momento importante, que reúne o conhecimento sobre a ECG e a vontade de a praticar por um conjunto de educadores e educadoras de uma escola ou agrupamento.

Nos relatórios intercalares I e II do projeto consta a criação de um grupo de trabalho dedicado à sensibilização e multiplicação entre pares, inclusive subdividido por áreas de temáticas

específicas. Pode, então, perceber-se que houve progressos em termos de autonomização, no sentido em que alguns educadores e educadoras da Rede se tornam referências de formação e enquadramento na Rede e na ECG. Por outro lado, o processo de preparação e desenvolvimento destas ações encerra, em si mesmo, um potencial formativo para os membros que animam estas ações<sup>4</sup>, que contam com o acompanhamento da equipa do projeto.

Possivelmente, o conhecimento e a informação poderiam ter sido ampliados se tivesse sido possível tornar mais fácil o acesso e mais incentivada a utilização dos recursos bibliográficos e dos materiais pedagógicos previstos nas atividades A1.3 e A1.4. Os membros da Rede puderam, no entanto, beneficiar da responsividade das ONGD do consórcio e dos membros antigos, com mais experiência na área da ECG que partilharam experiências e recursos pedagógicos.

Finalmente, sublinhamos as aprendizagens associadas à simples participação na dinâmica da Rede que, como evidenciaremos nos capítulos que se seguem, se revelam determinantes nos processos de capacitação para a promoção da ECG.

Relativamente ao RE 2., consideramos que a Rede se revela um contexto com elevado potencial na capacitação para o trabalho colaborativo no âmbito da ECG.

Conforme registos de avaliação, bem como nas conversas conjuntas observadas no 7º Encontro de trabalho, adiante apresentado, a dinâmica de trabalho adotada na Rede manifesta-se portadora de um potencial formativo que apraz aos seus membros, e que contribui para a agregação e sentimento de unidade e pertença.

O trabalho colaborativo - que os educadores/as transportam para os seus contextos educativos, no trabalho com os alunos e alunas, bem como na prática entre o corpo docente - foi considerado pelos membros como algo de inovador relativamente às práticas correntes nas escolas. Em todos os elementos analisados: avaliações das ações de sensibilização e oficinas, documentos de memória das reuniões, questionário realizado no âmbito desta avaliação, reuniões da equipa avaliadora com a equipa de projeto, as observações participantes nos

<sup>4</sup> Nos relatórios citados, listam-se as ações que resultaram desta preocupação:

- 2 ações de sensibilização e multiplicação por 2 educadores/as membros da Rede ECG, a partir da apresentação do Caderno *“O Estado Social em Estado de Sítio?”*, respetivamente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, no dia 09/01/2014 e na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, no dia 23/04/2014;

- Criado um grupo de trabalho para sensibilização e multiplicação entre pares, a partir da apresentação das propostas de integração curricular para as áreas do pré-escolar e 1º CEB e de geografia do 3º CEB;

- Realizada 1 oficina de formação por 2 educadoras membros da Rede ECG, a partir do trabalho *“Articulando a Educação para a Cidadania Global e o Pré-escolar e o 1º ciclo”*, na disciplina de Educação para o Desenvolvimento, da ESE de Lisboa, no dia 29/04/2014;

- Realizadas, no Encontro nacional *“O mundo na escola e a escola no mundo”* (5/07/2014), 4 sessões temáticas de sensibilização e multiplicação entre pares, subordinadas aos temas: *Formação e capacitação; Propostas de Integração curricular; Dinâmicas de escola/agrupamento; Publicações e recursos temáticos.*

encontros, revelaram que esta está claramente entre as mais-valias deste projeto.

Os Encontros Nacionais da Rede ECG, bem como a sua preparação, constituíram-se como contextos favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento do trabalho colaborativo. Efetivamente, para a preparação de cada um destes Encontros constituem-se grupos de trabalho, compostos por pessoas que se propõem voluntariamente, para os refletir, organizar e dinamizar. Os Encontros resultam do trabalho conjunto de um grupo de pessoas que mantêm entre si relações não hierárquicas e de confiança mútua, que se corresponsabilizam pela condução das ações, tomam decisões, apoiam-se mutuamente, contribuem para a qualidade destes Encontros.

Em especial nos Encontros de trabalho, o próprio formato promove o trabalho colaborativo. Conforme é possível perceber pelas memórias produzidas sobre cada um deles as atividades promovem a reflexão e decisão conjunta sobre tudo o que concerne à vida da Rede e a metodologia usada para a sua concretização é de natureza participativa e colaborativa.

Este formato também favorece a produção de conhecimento, na medida em que se estruturaram momentos em que as pessoas que intervêm na área da educação têm oportunidade de partilhar ideias e experiências e refletir sobre práticas de ECG, que se constituem como objetos de análise e discussão, tornando possível a construção de significados e representações partilhadas, certamente mais complexos e ricos do que aqueles que são construídos individualmente.

## 3. Rede Fortalecida

### 3.1. Construção de um referencial de análise

O projeto em análise propôs-se “fortalecer o processo de co-construção de uma Rede de Educação para a Cidadania Global em meio escolar”. Considerámos que faria sentido, num primeiro momento, identificar os atributos que, na perspetiva das ONGD promotoras, devem caracterizar a Rede que se pretende co-construir.

Em reunião com os elementos das duas organizações, estimulou-se a partilha de conceções de “Rede fortalecida”, desenvolvendo-se uma reflexão em torno das questões: o que caracteriza uma rede forte? O que caracteriza uma rede que assumimos como referência?

A partir dos elementos recolhidos, a equipa de avaliação procedeu a uma análise de conteúdo, identificando os atributos que, na perspetiva destes atores, devem descrever uma Rede “fortalecida”. Estas propriedades foram, num segundo momento, consubstanciadas em categorias de análise, que foram agrupadas em torno das 3 dimensões que compõem o referencial desenvolvido.

Uma primeira versão do referencial foi submetida à apreciação do CIDAC e da Fundação Gonçalo da Silveira. A equipa de avaliação propôs, e foi bem acolhida a proposta, a inclusão da categoria “vínculo”, integrada na dimensão Identidade, relativa aos laços que se criam entre os membros da Rede. Efetivamente, a leitura sobre a criação de Redes que partilham e constroem conhecimento e trabalho - as comunidades de práticas (Étienne Wenger, 2008) e as teorias de rede (Euclides Mance, 2015) - levaram-nos a notar que as relações que se estabelecem entre as pessoas são fundamentais para a sua consolidação.

A primeira dimensão do referencial diz respeito à **Identidade**, ou seja, aos membros da Rede na sua *diversidade* e número, e ao que os une e permite criar uma identidade coletiva, em que as pessoas se reconhecem. Refere-se ainda ao *sentimento de pertença daqueles que integram a rede*, aos *vínculos* que estabelecem entre si e à unidade sustentada pela partilha de visões e objetivos relativos à Educação para a Cidadania Global.

A segunda dimensão, designada **Fundamento**, diz respeito aos motivos que sustentam a existência da própria Rede. Nesta dimensão incluem-se as aprendizagens, o trabalho desenvolvido, as reflexões e o conhecimento construído em torno da Educação para a Cidadania Global. A dimensão Fundamento foi, assim, repartida em três categorias: *aprendizagem*; *práticas*; e *partilha e reflexão sobre as práticas*.

A terceira e última dimensão de análise diz respeito à **Dinâmica**, isto é, ao modo como a Rede funciona e se auto-organiza no que se refere à distribuição do poder e das responsabilidades e à comunicação. Aí se inclui: *a comunicação*, interna e externa, bem como o *acesso à informação*; *a liderança*; *a participação*, que remete para a horizontalidade das relações e para a co-responsabilização pela atividade e pelo trajeto da Rede. Inclui também a *autonomia*, que respeita à organização de ações concretas e à capacidade de sustentabilidade financeira; e finalmente, a *autorreflexividade*, isto é, a capacidade dos elementos refletirem criticamente sobre o processo de co-construção da Rede.

No quadro que se segue, apresentam-se as dimensões identificadas, bem como as categorias de análise que se descrevem.

<b>DIMENSÃO ou Categoria de análise</b>		<b>Descrição</b>
<b>IDENTIDADE</b>	<b>VÍNCULO</b>	As pessoas estabelecem vínculos de afeto entre si, acolhem e sentem-se acolhidas.
	<b>UNIDADE</b>	Os membros têm visões e objetivos partilhados, relacionados com a Educação para a Cidadania Global.
	<b>SENTIMENTO DE PERTENÇA</b>	Os elementos da Rede sentem-se parte e reconhecem outros como elementos da Rede
	<b>DIVERSIDADE E DIMENSÃO</b>	Integram-se educadores ligados a diferentes níveis de ensino, de diferentes parte do país, tanto inclui pessoas individuais como organizações, e há um número significativo de participantes.
<b>FUNDAMENTO</b>	<b>APRENDIZAGEM</b>	Gera-se um espaço aberto de aprendizagem, capaz de contribuir para a capacitação dos seus membros do ponto de vista temático e metodológico. A Rede é reconhecida, pelos seus membros, como um recurso efetivo de conhecimento.
	<b>PRÁTICAS</b>	Os membros desenvolvem, nos seus contextos locais, experiências na área da ECG e mobilizam-nas como fonte de aprendizagem coletiva, na Rede. Por outro lado, aplicam, nas suas práticas, o aprendido no contexto da Rede.
	<b>PARTILHA/REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS</b>	Os membros da Rede partilham experiências, dificuldades, debatem ideias e refletem sobre as práticas. A Rede contém em si a capacidade de produção de conhecimento.
<b>DINÂMICA</b>	<b>COMUNICAÇÃO</b>	Os membros têm acesso equitativo à informação, no interior da Rede, a

	comunicação é regular, há ferramentas de comunicação interna e (eventualmente) externa.
<b>LIDERANÇA</b>	Há um grupo coordenador rotativo.
<b>PARTICIPAÇÃO</b>	Os membros da Rede participam ativamente em processos de planeamento e execução e na definição do trajeto da Rede. Têm voz, iniciativa e assumem responsabilidades. Os membros da Rede têm entre si relações horizontais.
<b>AUTONOMIA</b>	A Rede tem capacidade de organizar ações concretas e de garantir a sua sustentabilidade financeira.
<b>AUTORREFLEXIVIDADE</b>	A Rede pensa-se a si mesma: há uma identificação das fraquezas e das forças e uma reflexão crítica sobre o processo de co-construção.

Quadro 1. Atributos de uma Rede fortalecida

O referencial desenvolvido constitui-se como um pilar do processo avaliativo: orientando a observação efetuada e servindo de base à elaboração de um questionário que apresentamos nas linhas que se seguem.

### 3.2. Construção e aplicação do questionário

No contexto deste processo de avaliação externa, construímos um questionário para aceder ao posicionamento dos e das participantes face ao referencial sobre “Rede fortalecida”, a partir das suas vivências.

O questionário permite a recolha de dados quantitativos e qualitativos e focaliza-se na avaliação de diferentes dimensões da Rede identificadas como relevantes pelas organizações parceiras.

O questionário de avaliação da Rede de Educação para a Cidadania Global foi aplicado aos vinte membros presentes no 7º Encontro de trabalho de 24 e 25 de Outubro de 2015, em Lisboa. O original do documento, tal como as respostas obtidas, encontram-se nos Anexos 1 e 2.

A interpretação dos dados terá de ter em conta o facto de terem respondido apenas os presentes no Encontro, uma vez que não foi possível obter a resposta por parte de outros



membros da Rede. Deve atender-se ao facto de as respostas serem de pessoas que disponibilizaram facultativamente um fim-de-semana, por vezes envolvendo deslocação (podendo ser de centenas de quilómetros para quem veio do Porto, Braga ou da Madeira). Neste sentido, as pessoas que responderam ao questionário estão fortemente mobilizadas para participar na Rede.

Tendo em conta que o número obtido, de 20 membros, corresponde sensivelmente a um terço dos membros da Rede, cabe interrogar em que medida as perceções teriam sido distintas daquelas que obtivemos.

Seria ainda interessante que, no futuro, se analisassem os níveis e os padrões de participação na Rede - procurando compreender as motivações de quem participa e as razões que levam a desistências, a participações mais fugazes e irregulares.

Quanto à caracterização da amostra, 15 dos respondentes eram docentes, havendo 5 que não são docentes: uma reformada do ensino superior, uma assistente de comunicação, três integrantes das organizações promotoras. De entre as pessoas cuja profissão é a docência, predomina o 3º ciclo (7 docentes). Em menor representação estão claramente o 1º ciclo (2), o 2º ciclo (3) e o secundário (4).

As pessoas respondentes têm origens geograficamente dispersas. Apresenta-se alguma correspondência com as dinâmicas locais, estando presentes quatro pessoas de Braga, uma de Setúbal (Palmela) e cinco da Madeira. Também há um grupo significativo que não se apresentam envolvidas nalguma dinâmica local precisa: duas do Grande Porto e sete da Grande Lisboa.

O momento em que os e as respondentes entraram na Rede é bastante repartido. Das vinte pessoas que responderam ao questionário, sete entraram recentemente na Rede, isto é, depois do último Encontro nacional, em julho de 2015; cinco pessoas entraram entre 2014 e este último Encontro; e sete outras são anteriores, das quais três afirmam a sua pertença desde o início, isto é, remetendo a sua pertença a um período em que a Rede ainda estava a ser pensada e criada; uma pessoa participava pela primeira vez numa atividade da Rede.

### **3.3. Análise dos dados obtidos no questionário**

Seguidamente apresentam-se os resultados obtidos e faz-se a análise dos mesmos. Os dados estão organizados segundo cada uma das dimensões identificadas. Para cada uma, apresenta-se um quadro com os itens que operacionalizam as categorias que correspondem à dimensão em análise, e respetivas respostas quantitativas (grau de concordância) e qualitativas (comentários).

No questionário, dava-se ainda aos respondentes a possibilidade de formular novos itens que julgassem pertinentes ou em falta, estes novos itens foram integrados nas dimensões e categorias adequadas. As respostas quantitativas, relativas ao grau de concordância com cada item (correspondendo o 1 a “discordo totalmente” e o 5 a “concordo totalmente”), apresentam-se em gráficos para permitir uma melhor visualização.

Para cada dimensão é elaborada uma síntese analítica dos dados obtidos.

Antes, porém, uma breve incursão nos objetivos da Rede e no modo como os membros, a

partir das suas vivências e percepções, avaliam o seu cumprimento.

## OBJETIVOS DA REDE

A Rede ECG propôs-se interligar e motivar diferentes atores em contexto escolar para as práticas e a disseminação de conhecimentos da Educação para a Cidadania Global<sup>5</sup>. Para a efetivação desta missão, foram definidos três objetivos :

1. Facilitar o acesso a materiais e informação, no âmbito da Educação para a Cidadania Global.
2. Promover o intercâmbio, entre educadores/as, criando oportunidades de partilha, de reflexão e de formação entre pares sobre Educação para a Cidadania Global.
3. Apoiar os/as educadores/as na compreensão e construção de respostas aos desafios da sociedade atual, na perspetiva da Educação para a Cidadania Global.

No questionário apresentado, a generalidade das respostas são muito positivas para os três objetivos propostos, em especial para o terceiro, que obteve a pontuação máxima em treze das respostas, confirmando que a Rede ajuda a perceber e lidar com temas de Cidadania Global.

A maioria das pessoas também consideram que a Rede facilita o acesso a materiais e informação de modo a poderem desenvolver a ECG (objetivo 1), considerando que este apoio é frequente (dezasseis das respostas).

Para o segundo objetivo, relativo à promoção de momentos de partilha, reflexão e formação, sobre práticas de ECG na Rede, os educadores e educadoras que responderam afirmaram que tal acontece também com frequência (catorze pessoas) ou algumas vezes (cinco pessoas).

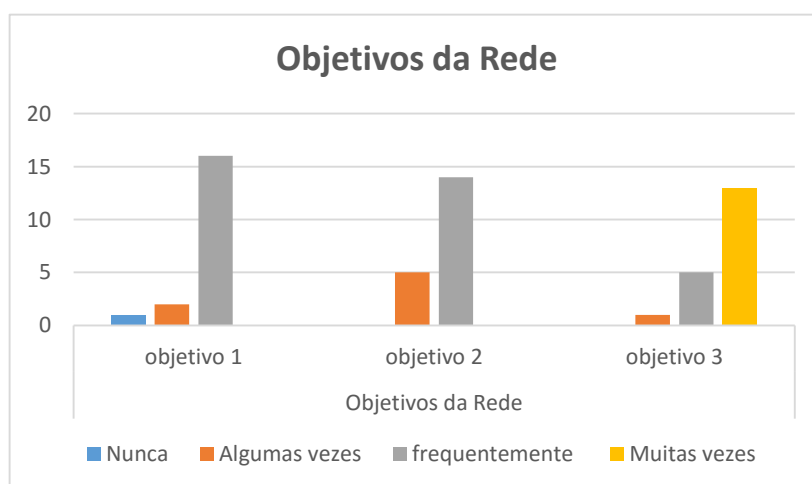


Gráfico 1. Avaliação do cumprimento dos objetivos da Rede.

<sup>5</sup> In: Referencial da Rede de Educação para a Cidadania Global, documento policopiado.

## IDENTIDADE

Na Rede de Educação para a Cidadania Global (ECG)	1	2	3	4	5	N A	Comentários
Partilho das visões e dos objetivos da Rede de Educação para a Cidadania Global.				1	18		5. identifico-me
Sinto-me parte integrante da Rede.				7	13		4. lamento não conseguir participar mais 4. pelo acolhimento
Desenvolvo relações interpessoais positivas no interior da Rede.			1	5	13		
Na Rede, as relações entre as pessoas são pautadas pela cumplicidade e confiança.			1	3	15		
Gosto do ambiente humano que se vive na Rede.				3	15	1	5. penso que é um dos fatores chave p o seu sucesso
<b><i>Sinta-se livre para acrescentar outros itens não referidos</i></b>							
Almoço partilhado/pausa justa					1		
Convivialidade muito zen, saudável e anfitriã					1		
Acolhe e integra particularmente bem os seus membros					1		

Quadro 2. Itens do questionário relativos à dimensão Identidade e respetivas respostas.

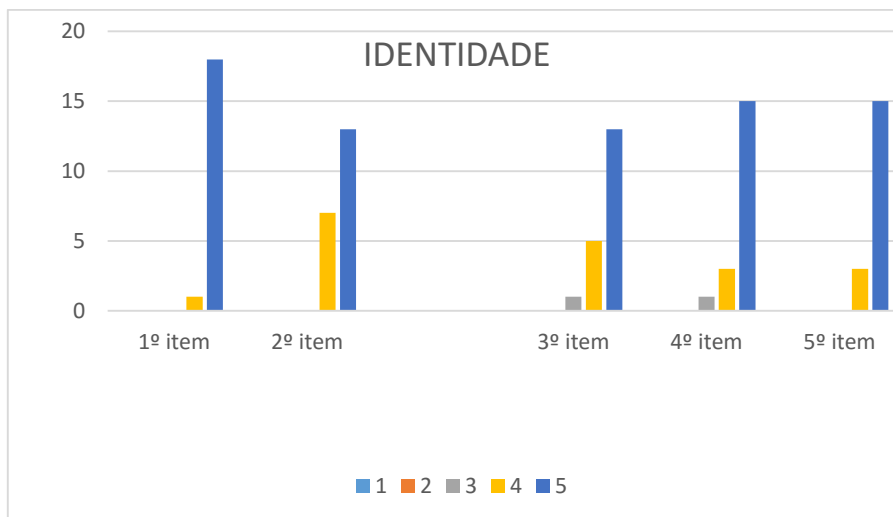


Gráfico 2. Itens do questionário relativos à dimensão Identidade e respectivos graus de concordância.

Legenda:

1º item: Partilho das visões e dos objetivos da Rede de Educação para a Cidadania Global.

2º item: Sinto-me parte integrante da Rede.

3º item: Desenvolvo relações interpessoais positivas no interior da Rede.

4º item: Na Rede, as relações entre as pessoas são pautadas pela cumplicidade e confiança.

5º item: Gosto do ambiente humano que se vive na Rede.

Na avaliação que as pessoas fazem da Rede, no que diz respeito à dimensão **identidade**, sobressai uma vivência claramente positiva. A pontuação máxima é consensual entre a larga maioria das pessoas. Em particular, é unânime a partilha das visões e dos objetivos da Rede ECG (**unidade**).

O sentimento de **pertença** a esta Rede é também amplamente partilhado. Uma das pessoas que assinala a pontuação 4 comenta que “lamento não poder participar mais”, fazendo depender a sua pertença à sua disponibilidade pessoal para participar ativamente nela.

O **vínculo** parece assumir muita relevância. Não apenas a avaliação é muito positiva, largamente situada no “concordo totalmente”; como este parece ser “um dos fatores chave para o seu sucesso” para usar as palavras de um elemento. As pessoas sentem-se acolhidas e os Encontros são pautados por um ambiente que cuida o estabelecimento de relações positivas. Aspetos que são, aliás, referenciados nos itens criados pelas pessoas:

*. acolhe e integra particularmente bem os seus membros;*

*. convivialidade muito zen, saudável e anfitriã.*

## FUNDAMENTO

Na Rede de Educação para a Cidadania Global (ECG)	1	2	3	4	5	N A	Comentários
A Rede tem sido para mim um espaço de aprendizagem do ponto de vista temático.			2	5	11	1	3. participei na formação "ECG" de 26 setembro 2015 5. pouco tempo na Rede
A Rede tem sido para mim um espaço de aprendizagem do ponto de vista metodológico.			1	2	16	1	3. sou um novo elemento na Rede 5. pouco tempo na Rede
A participação na Rede é útil para a minha prática de ECG.				5	14	1	
Desenvolvo, no contexto da minha atividade profissional, experiências de ECG.		1	2	4	9	2	3. não é tão expressiva como gostaria que fosse no caso da docência, mas noutras verificase. 5. embora o âmbito e extensão dependam de condições externas NA. não aplicável no momento presente, mas já foi muito o caso no passado
Considero que, na Rede, há espaços para a partilha de experiências de ECG.				4	15		5. mas precisamos de aprender a partilhar experiências
Na Rede produzimos conhecimento.			3	5	11		3. começamos... 5. a vários níveis: científico ( <i>papers</i> ); materiais disseminados, diversas formas de partilha
<b><i>Sinta-se livre para acrescentar outros itens não referidos</i></b>							
Sinto que a minha atividade tem impacto nos outros, sejam professores, sejam alunos					1		
Promove o desenvolvimento pessoal dos próprios membros (valores, princípios...). Crescemos como pessoas e cidadãos do mundo					1		

Quadro 3. Itens do questionário relativos à dimensão Fundamento e respetivas respostas.

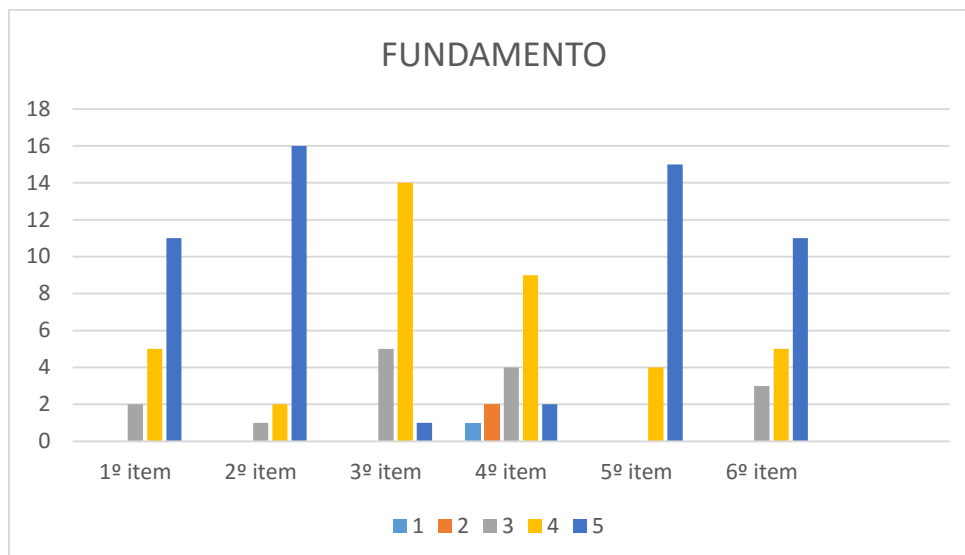


Gráfico 3. Itens do questionário relativos à dimensão Fundamento e respetivos graus de concordância. Legenda:

1º item: A Rede tem sido para mim um espaço de aprendizagem do ponto de vista temático.

2º item: A Rede tem sido para mim um espaço de aprendizagem do ponto de vista metodológico.

3º item: A participação na Rede é útil para a minha prática de ECG.

4º item: Desenvolvo, no contexto da minha atividade profissional, experiências de ECG.

5º item: Considero que, na Rede, há espaços para a partilha de experiências de ECG.

6º item: Na Rede produzimos conhecimento.

As respostas ao questionário, relativamente ao contributo da Rede para a realização de aprendizagens, permitem-nos concluir que o contributo é considerado importante, tanto no que se refere às aprendizagens temáticas (do domínio mais teórico, do saber-saber) como às aprendizagens metodológicas (mais próximas do domínio do saber-fazer). A Rede é, assim, considerada pelos seus membros como um espaço onde a **aprendizagem** é valorizada e estimulada.

Quando comparamos, através das cotações atribuídas, as perceções dos membros da Rede quanto ao contributo da mesma para as aprendizagens temáticas e metodológicas, observamos que as respostas são mais positivas no que se refere à vertente metodológica. A apropriação de recursos teóricos é menos claramente reconhecida do que a de recursos metodológicos.

Este potencial formativo da Rede na vertente metodológica, fortemente reconhecido por quem respondeu ao questionário, é atribuível às opções metodológicas que se fazem na Rede e que os e as participantes têm a oportunidade de vivenciar, aprendendo pela via da experimentação.

Para além das aprendizagens temáticas e metodológicas, há aprendizagens de uma outra índole, espontaneamente evocadas, relacionadas com mudanças pessoais e na construção de si mesmo. Um dos itens criados por uma docente diz respeito a este carácter de enriquecimento pessoal: “promove o desenvolvimento pessoal dos próprios membros (valores, princípios...). Crescemos como pessoas e cidadãos do mundo”, a que atribui a pontuação máxima (5).

No questionário, o item que interroga o carácter de utilidade da Rede, é pontuado de modo

muito satisfatório por todos, que lhe atribuem a pontuação entre 4 e 5<sup>6</sup>: “A Rede dá-me possibilidades de aplicar na sala de aula”.

Quanto ao desenvolvimento de experiências de ECG no contexto profissional a avaliação é menos “afirmativa”, sendo maior a dispersão das respostas. Os comentários sugerem a não linearidade da realização das práticas: seja porque “o âmbito e extensão dependam de condições externas”; ou porque é “não aplicável no momento presente, mas já foi muito o caso no passado”.

Em todo o caso, noutros âmbitos, há referência ao desenvolvimento de experiências de ECG, uma das docentes comenta que: “(a experiência) não é tão expressiva como gostaria que fosse no caso da docência, mas noutras verifica-se”.

A **partilha e reflexão sobre as práticas** voltam a ser muito bem pontuadas, apesar de ser comentada, por uma das pessoas que integra uma das organizações parceiras, para quem “precisamos de aprender a partilhar experiências”. Trata-se, com efeito, de um trabalho a empreender.

A partilha de experiências parece assumir um lugar de enquadramento e de estímulo. O primeiro acontece pela ligação entre a teoria e a prática, pela “abordagem de temáticas atuais através do seu enquadramento em dinâmicas de reflexão e de ação”. A partilha de um trabalho pedagógico em torno de uma dada questão de Cidadania Global assume um papel estimulante.

Talvez por estes fatores enriquecedores, uma parte significativa das limitações e das sugestões apresentadas têm a ver com esta questão, sugerem maior exposição e partilha dos projetos implementados nas escolas:

*“limitação do tempo dada a riqueza da oferta da Rede, o tempo ‘voa’ e para explorar/partilhar as experiências vivenciadas por vezes não chega”*

*“partilha de mais experiências relacionadas com projetos implementados ou que estão a decorrer nas escolas”*

*“criar: fórum de reflexão e partilha”*

A partilha mais voltada para o exterior, através da produção de conhecimento, recebe uma pontuação variada no questionário. Uma das pessoas que participa no grupo da apresentação da Rede aponta o nível científico (*papers*), os materiais disseminados, e as diversas formas de partilha. Para quem as ONGD esta é uma etapa ainda em fase inicial: “começamos...”.

## DINÂMICA

Na Rede de Educação para a Cidadania Global (ECG)	1	2	3	4	5	N A	Comentários
Os membros da Rede têm acesso equitativo à informação.		1	2	6	10		2. a equipa de dinamização tem sempre e inevitavelmente mais acesso à informação que os restantes membros

<sup>6</sup> À exceção de uma pessoa que participou, pela primeira vez na Rede no dia do próprio Encontro em que foram distribuídos os questionários, que avaliou como não aplicável.

							4. penso que toda a gente tem acesso à informação necessária para a Rede mas há informação que não é preciso passar para todo/as 3. a equipa dinamizadora tem acesso a mais informação 4. os níveis não decorrem de restrições mas das funções e experiência 4. em dois meses houve imensa partilha
A comunicação entre os membros é regular.		1	3	11	6		4. deveria ser mais qualitativa
A Rede investe na comunicação com o exterior: dá-se a conhecer e divulga as suas atividades.	1		6	8	2	2	4. está em processo de melhoria 3. até agora mais por solicitação de outros 4. a melhorar: CF próxima oficina em novembro
Sinto que tenho voz e que posso propor iniciativas.			1	3	15		
As relações que se estabelecem entre os membros da Rede são horizontais.		1	1	3	13		3. Apesar da tentativa, contínua a persiste uma ligeira tendência dos membros para assumir a FGS e o CIDAC numa posição superior 4. caminhamos... A relação entre as organizações e os membros individuais é complexa
Na Rede, as tarefas e responsabilidades são repartidas.			2	5	12		3. Apesar do esforço e da muita evolução há sempre tarefas para a FGS e o CIDAC porque têm a responsabilidade de execução de um projeto.
Participo na definição do trajeto da Rede e no planeamento das suas atividades.		1	1	5	11		
Comprometo-me com a execução de tarefas e atividades da Rede.		1	1	8	9		2. novo membro
Dialogo e reflito com outros elementos sobre o processo de co-construção da Rede, identificando as suas fraquezas e forças.	1		1	6	10	1	

Quadro 4. Itens do questionário relativos à dimensão Dinâmica e respetivas respostas.



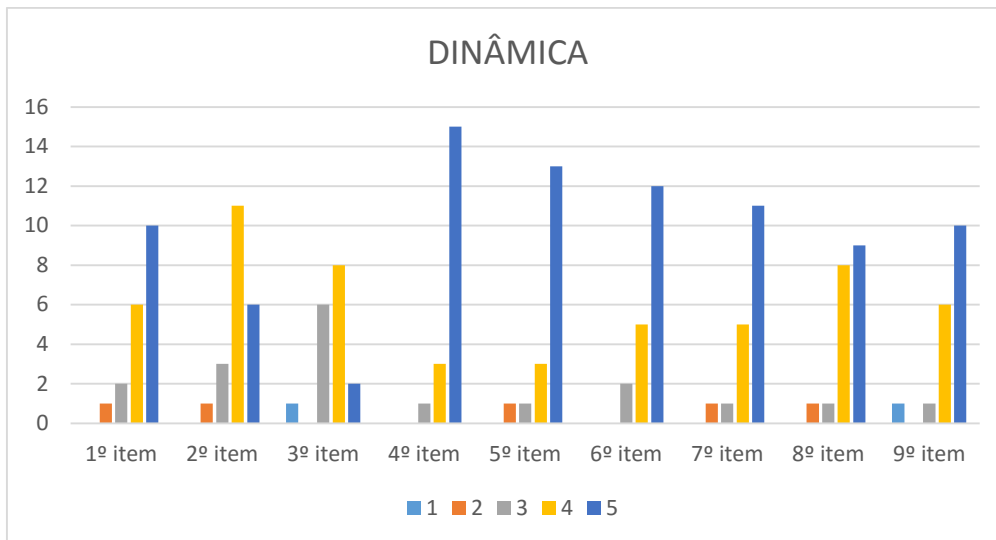


Gráfico 4. Itens do questionário relativos à dimensão Dinâmica e respetivos graus de concordância. Legenda:

1º item: Os membros da Rede têm acesso equitativo à informação.

2º item: A comunicação entre os membros é regular.

3º item: A Rede investe na comunicação com o exterior: dá-se a conhecer e divulga as suas atividades.

4º item: Sinto que tenho voz e que posso propor iniciativas.

5º item: As relações que se estabelecem entre os membros da Rede são horizontais.

6º item: Na Rede, as tarefas e responsabilidades são repartidas.

7º item: Participo na definição do trajeto da Rede e no planeamento das suas atividades.

8º item: Comprometo-me com a execução de tarefas e atividades da Rede.

9º item: Dialogo e reflito com outros elementos sobre o processo de co-construção da Rede, identificando as suas fraquezas e forças.

Sobre a **comunicação**, o acesso equitativo à informação é considerado de modo diverso. A pontuação mais baixa (2 e 3) é atribuída por quem melhor conhece a Rede, salientando o facto de haver uma equipa dinamizadora que acede à quase totalidade da informação que não está necessariamente disponível para todos os membros. Considerou-se que os diferentes níveis de acesso à informação “não decorrem de restrições mas das funções e experiência”; e havendo também informação “que não é preciso passar para todos/as”. Quem está mais recentemente na Rede comenta que “em dois meses houve imensa partilha”. Neste sentido, a avaliação parece apontar para que a informação não seja de acesso totalmente equitativo, mas que tal ocorre, em justa medida, da forma organizativa e não de qualquer âmbito de desigualdade ou de falta de transparência.

A comunicação entre os membros é considerada regular pela quase totalidade das pessoas, à exceção das ONGD e que responderam ao questionário, que atribuíram uma pontuação mais baixa (concordo pouco (2) ou apenas concordo (3)). Um comentário, formulado por outra pessoa ligada a uma das ONGD membro, assinala que “deveria ser mais qualitativa”.

No entanto, no balanço formulado no questionário, emergem algumas dificuldades e desejos. A dispersão geográfica dos membros situa-se num paradoxo, entre a riqueza que proporciona e a dificuldade da comunicação que acarreta. Os três Encontros presenciais que anualmente acontecem deixam vontade de alargar o número. A comunicação a distância não é simples, por exemplo pela coordenação de horários, e não tem a mesma qualidade. Também parece

prolongar-se um déficit de instrumentos de comunicação interna, as sugestões apontam sobretudo para a divulgação célere e em tempo útil, no interior da Rede, das atividades, iniciativas e projetos que se desenvolvem.

A avaliação da comunicação externa, por sua vez, também não é perentória, havendo alguma dispersão na pontuação que é atribuída, talvez passível de entendimento através dos comentários que apontam, por um lado, uma atenção que se tem pautado por uma resposta às solicitações que são feitas à Rede, por outro, um processo que está em melhoria e é esperado que se dê um salto qualitativo com uma oficina especificamente dedicada ao tema, marcada para um mês após a resposta a este questionário.

A nível das sugestões, é enunciada, por diversas vezes, a necessidade de materiais /suportes que permitam comunicar com o exterior:

*“brochuras, panfletos da ECG”*

*“produção de materiais e divulgação”*

No que diz respeito à **participação**, esta é outra das áreas que reúne força afirmativa no sentido de uma concordância total em considerar a participação um elemento forte do modo como a Rede se organiza. As pessoas sentem que têm voz, que há diversidade e partilha de ideias, que há abertura para iniciativas que proponham, que as relações são horizontais. Os comentários mais hesitantes são novamente feitos por parte de representantes das duas ONGD que referem a complexidade da relação entre as organizações e os membros individuais e o facto de “persistir uma ligeira tendência dos membros para assumir a FGS e o CIDAC numa posição superior”.

Pode dizer-se que a **liderança** é considerada partilhada. A distribuição de responsabilidades, e sobretudo a definição do trajeto e o planeamento das atividades, parecem também gozar do contributo ativo do conjunto dos membros da Rede. A FGS nota “o esforço e muita evolução”, pese embora a responsabilidade da FGS e do CIDAC de execução de um projeto.

No balanço que as pessoas efetuaram, manifestam explicitamente a satisfação pelo “modelo de funcionamento”, pela “partilha de responsabilidades”, pela “organização e empenho” que ali encontram e também pelo sentido de diálogo que convida a “todos darem e poderem dar a sua opinião”. As dificuldades prendem-se essencialmente com o tempo escasso de que dispõem para se dedicar e potenciar a Rede e que se acrescenta a um horário já sobrecarregado nas respetivas escolas.

Quanto à **autonomia**, apesar de algumas pessoas terem entrado muito recentemente na Rede, todas afirmam o seu elevado comprometimento com a execução de tarefas e atividades da Rede. No balanço também manifestam satisfação pelo modelo de compromisso e corresponsabilidade. No entanto, neste último ponto, a questão financeira parece estar entre os fatores de maior preocupação. O receio de perda de financiamento, a existência de uma sustentação circunscrita a um prazo, sem possibilidade de extensão, são elementos referidos.

Finalmente, o diálogo e o pensamento crítico, em coletivo, sobre a co-construção da Rede parecem ser uma prática corrente e partilhada, a julgar pela elevada pontuação que lhe é atribuída. As pessoas parecem considerar que a **autorreflexividade** é um elemento constituinte da Rede.

### 3.4. Análise das observações

A equipa de avaliação teve a possibilidade de estar presente e observar o Encontro de trabalho que ocorreu a 24 e 25 de outubro de 2015. Com efeito, além deste ter sido ocasião para a aplicação do questionário e a proposta de um exercício sobre Redes (apresentado no próximo capítulo), a participação no Encontro proporcionou à equipa de avaliação tomar contacto direto com a Rede. O Encontro de trabalho, momento interno de encontro, balanço e definição de trabalhos, foi um momento privilegiado para conhecer a diversidade de pessoas que participam na Rede e testemunhar a sua dinâmica. Seguidamente são apresentadas as notas tomadas a partir da observação, organizadas por dimensão.

#### IDENTIDADE

Durante o Encontro de trabalho, predominou uma linguagem na primeira pessoa do plural, anunciando um sentido coletivo de pertença: “as nossas preocupações...”. Por outro lado, quando uma pessoa, recentemente chegada à Rede fala “vocês fazem”, é interpelada por outra, mais antiga, que a corrige: “nós, na Rede”, num claro convite à integração e pertença.

Recorre-se a uma linguagem afetiva e informal, por exemplo, uma das pessoas que apresentou o programa do Encontro que se iniciava, referia, para assinalar o seu fim: “abraços e beijinhos”. Este tipo de linguagem notou-se ser recorrente, naturalizado, ao longo dos dois Encontros presenciados (X Encontro nacional de ECG e 7º Encontro de trabalho da Rede);

O ambiente humano que se vive na Rede é caloroso e positivo. Estes elementos são confirmados perante a afirmação:

*“A Rede respira fraternidade. Há respeito, há vontade que todos colaborem e estejam dentro”.*

Ainda dentro desta dimensão da Identidade da Rede, há que referir a participação de pessoas de diversas regiões do país e que as observações realizadas tornam evidente a apreciação positiva do carácter territorialmente abrangente da Rede. Uma das pessoas apontava positivamente o “envolvimento progressivo de novos elementos a nível nacional”, ou seja, a capacidade de “juntar gente, juntar pessoas” num espaço que vai sendo territorialmente diversificado.

Quanto ao processo de integração na Rede, os Encontros Nacionais parecem ser, por excelência, a ocasião de adesão de novos membros. Efetivamente, 58 % dos membros da Rede fizeram a sua inscrição no mês de julho, na sequência dos Encontros Nacionais. A julgar pelos relatos que tiveram lugar no Encontro, diversas pessoas afirmam que a participação nestes momentos foi impactante:

*“No ano passado vim ao Encontro Nacional por causa da Cidadania Global que me era desconhecida. Refleti, deram-me montes de material, encontrei pessoas simpáticas e acolhedoras.”*

*“Fui ao Encontro Nacional há um ano, fiquei surpreendida com a Rede e com as pessoas com quem me identificava. Surpreendeu-me a atitude das pessoas, pela*

*maneira como fui acolhida.”*

*“Faço parte de uma associação sobre energias renováveis. Estive no Encontro de julho (Nacional). Nós mudamos mentalidades. Identifiquei-me logo.”*

Os Encontros Nacionais, são ocasiões de encontro, de partilha de práticas, informações, reflexões e afetos e constituem-se como momentos privilegiados para o reforço do sentido de pertença à Rede na medida em que se percebe que: “é muita gente a fazer o que faço todos os dias, é muito bom”. Para quem contacta pela primeira vez com a Rede ou com o conceito de ECG, este é também um momento crucial, conforme referido acima.

Outro modo de conhecer e integrar a Rede dá-se através da participação numa ação de sensibilização ou de formação. Este parece constituir também um momento importante, em que se toma contacto tanto com o tema, como com as metodologias de trabalho. Com frequência uma formação vai de par com o convite de colegas docentes para a participação em projetos na escola no quadro da Educação para a Cidadania Global. Uma professora contou como foi chamada a integrar projetos de ECG:

*“Sou professora de Moral, trabalho valores e, portanto, a Cidadania Global. Sou contratada, e é difícil o trabalho colaborativo. Quando cheguei a Gualtar chamaram-me para fazer o trabalho, e fizeram comigo o que em geral sou eu que faço, que é convidar outros professores a participar. Ali foi o inverso, perguntaram-me: “queres participar nisto?”.*

Assim, a participação em ações desta natureza permite integrar os novos membros nos princípios e numa linguagem comum, os materiais que enquadram teoricamente e que apoiam o trabalho pedagógico, bem como a partilha de experiências.

## **FUNDAMENTO**

Ao longo do Encontro foram expressas diferentes motivações individuais para a integração na Rede. As pessoas assinalam o sentido da sua integração pela pertinência a nível profissional, bem como pela sua identificação pessoal às questões:

*“Tem a ver com a minha disciplina e com a minha forma de estar no mundo”*

*“É um tema fundamental para dar perspetiva às crianças sobre a sua inserção no mundo em que vivemos.”*

*“Há muita coisa a fazer no mundo e esta é uma maneira de contribuir.”*

Expressam também, por diversas vezes, a importância do carácter coletivo em prol de algo:

*“Sozinha, sinto-me mais fraca para trabalhar.”*

Os membros apreciam encontrar “mentes abertas, inovadoras, criativas e com capacidade auto-crítica”, com quem partilham relações de cumplicidade, confiança<sup>7</sup> e apoio, pautadas pela informalidade.

<sup>7</sup> A propósito da confiança, cabe referir que tendo sido dada a possibilidade, facultativa, às pessoas que responderam ao questionário, de referirem o seu nome pessoal, é de notar que, à exceção de dois elementos das duas organizações parceiras, todas as pessoas colocaram os seus nomes pessoais.

No que se refere às **aprendizagens temáticas** algumas opiniões expressas apontam no sentido de ser prioritário tratar temas atuais e urgentes (dão-se os exemplos da situação recente na Grécia ou dos refugiados sírios) e foram feitas sugestões para que a Rede tenha atitude mais incisiva e oportuna.

Quanto à vertente **metodológica**, foi repetida a afirmação de que na Rede se desenvolvem propostas que se tornam aplicáveis nos contextos escolares e que são “dinâmicas diferentes” das correntes nas escolas, “*desenvolve(-se) uma outra atitude face à escola e aos alunos*”.

É notória a satisfação que as pessoas têm em ouvir o **relato de práticas de colegas**, como referia um comentário, um dos aspetos positivos da Rede é a possibilidade de “*ter conhecimento de muitas experiências extraordinárias*”. Há uma exequibilidade que se torna visível e potenciadora:

*“estamos sempre a ouvir que não é possível, mas quando chegamos aqui, alguém já fez”.*

Por outro lado, a partilha também permite quebrar a solidão no empreendimento de um trabalho que parece ir a contra corrente ou, tão simplesmente, de difícil implementação. Uma professora comentava que: “*afinal há muita gente a trabalhar (...) é bom ter companhia de tanta gente*”. Ou seja, a Rede, no que ela proporciona de partilha de práticas, permite o sentimento de se estar acompanhado no desenvolvimento de práticas de Educação para a Cidadania Global.

A necessidade de uma vivência pessoal informada e coerente com os princípios da Cidadania Global foi um dos elementos bastante referidos durante as discussões a que assistimos, apresentando-se como requisito prévio para o desenvolvimento de práticas no âmbito da ECG, em contexto educativo.

As práticas de ECG são designadas na Rede por “Dinâmicas locais de ECG”, que se referem ao “trabalho desenvolvido por uma equipa, de preferência multidisciplinar e que pode progressivamente ir envolvendo mais escolas ou agrupamentos de uma mesma localidade ou região” ou por “primeiros passos” quando localmente se reúnem condições que permitem antecipar uma intervenção continuada, ao nível de uma escola ou de um agrupamento. Nas linhas que se seguem partilham-se descrições de práticas de ECG partilhadas no Encontro da Rede observado.

*“[Na Moita] Envolvendo toda a escola ao longo do ano. No início pensámos que seriam 50% mas na primeira fase conseguimos logo mobilizar 90 a 95 % dos professores. Agora há uma direção nova, com outras prioridades. Mas foi muito gratificante para os pais, alunos, colegas, para as entidades... porque se mobilizou a comunidade”.*

*“[Em Gualtar/Braga] No ano letivo passado começámos com três elementos da escola. Começámos muito a medo, perguntámos “o que vamos fazer? Será que vamos ou não fazer?” Nisso passámos o 1º e o 2º Encontro. Depois, em outubro, tirámos as dúvidas básicas, iniciais, com a formação, com a Luísa e o Hugo. E as pessoas não desistiram. Nós transpusemos para a escola a maneira de trabalhar dos Encontros. Tudo é decidido pelo grupo em geral, as pessoas sentem-se mais comprometidas. Não havia créditos e ninguém tem privilégios de qualquer ordem por participar no projeto. No fim do ano tínhamos mais 2 pessoas a aderir à Rede”.*

O grupo discutiu igualmente sobre as condições de existência para as dinâmicas locais. Mais concretamente, os requisitos para o desenvolvimento a nível local de um grupo de trabalho passavam, entre outros, pelo enquadramento institucional (que legitima e facilita o uso dos recursos da escola), pela liderança local de tipo colegial, num trabalho de equipa persistente e prolongado. A liderança a nível nacional, da Rede, parece assumir aqui um papel fundamental de enquadramento, sentido, e acompanhamento em termos temáticos e metodológicos. No entanto, as condições locais parecem ser as mais determinantes. Aliás, animado pela experiência de Gualtar/Braga, os/as participantes do Encontro questionaram a respetiva equipa presente salientando-se vários elementos que, segundo a equipa, caracterizam a sua lógica de funcionamento e fatores facilitadores:

*“Não haver cúpula, não há coordenação, não há direitos, nem redução de horário letivo, nem créditos.*

*Cada grupo precisa de momentos de fazer o balanço sobre o que aconteceu durante o ano.*

*A Luísa e o Hugo [elementos das organizações parceiras] vieram mostrar que não estávamos sozinhos, que outras escolas também estavam a trabalhar no mesmo sentido.*

*Liberdade para que o tipo de trabalho e ritmo fossem determinados por cada grupo.*

*Durante anos não era bem assim, não se trabalhava com esta aderência e autonomia, é preciso trabalho e resiliência. O ‘Conectando Mundos’ tem 10 anos em Portugal e 14 anos em Espanha, é internacional.*

*Nem tudo funciona bem. Há aqueles que dizem ‘não quero’ mas depois acabam por fazer parte.*

*O projeto é deles, professores – vai contra a cultura profunda dos professores... – os professores deixam de trabalhar só para o seu quintal.*

*Não há coordenadores mas há animadora – a Margarida – que faz a ligação com outras coisas e disciplinas.*

*Nunca tivemos entraves por parte da direção da escola: tivemos sempre as chaves, pudemos usar a escola ao sábado e ao domingo ou às horas que quisemos. Nunca a direção nos disse ‘não’.*

*O começo aconteceu lentamente. Depois começou a fazer-se o clic e começou a desenvolver-se. Há anos em que funciona e outros em que não funciona.”*

## **DINÂMICA**

Pudemos observar, durante o Encontro, que onze pessoas, de entre as presentes, tomaram a palavra com responsabilidade, isto é, não apenas intervindo no debate, mas apresentando trabalho, coordenando, moderando, o que é revelador de uma organização que define e reparte um trabalho que é coletivo.

Várias foram as pessoas que referiam ser pouco praticado o trabalho colaborativo nas escolas, contrariamente ao que acontece na Rede e, para algumas pessoas, esta dimensão é determinante para a integrar:

*“Comecei por fazer uma formação. Gostei das dinâmicas desenvolvidas e do trabalho colaborativo que é pouco sentido e pouco vivido na escola”.*

*“Fui ao Encontro nacional em julho. Fiquei pela maneira como fui acolhida. E o trabalho em grupo é fundamental. Assinei logo”.*

Algumas professoras assinalam que já anteriormente procuravam um trabalho partilhado nos seus contextos profissionais, como a professora de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) já mencionada, como uma professora bibliotecária que lida necessariamente com a escola na sua totalidade, ou outros que já tinham esta atitude. Mas para outros, o trabalho colaborativo constitui uma novidade, como uma professora que comentava os seus primeiros contactos com os métodos dinâmicos, no âmbito da formação, *“que nos obrigam a repensar em grupo e a sair de lá com novas ideias.”*

A possibilidade de assistir a uma reunião de trabalho deste teor, em que foi possível dar rosto e corpo à Rede, presenciar debates, interrogações, análises, reflexões, constituiu um dos momentos mais significativos deste trabalho. Foi impactante para as avaliadoras observar um ambiente de trabalho em que se conjugam franqueza, acolhimento e implicação.

Observámos uma forte implicação dos e das participantes que contribuem para uma construção, na qual se assumem enquanto co-autores e que está em curso, em aberto... Um dos elementos que agrada é, na voz de uma das pessoas participantes, a *“motivação dos membros para dar seguimento à Rede enquanto desafio”.*

A entrega confiante às diferentes etapas do Encontro foi a mesma com que o grupo se envolveu na realização do exercício proposto no quadro da avaliação, a fim de pensar a evolução da Rede, conforme descrito no próximo capítulo.

## 4. Co-construção da Rede

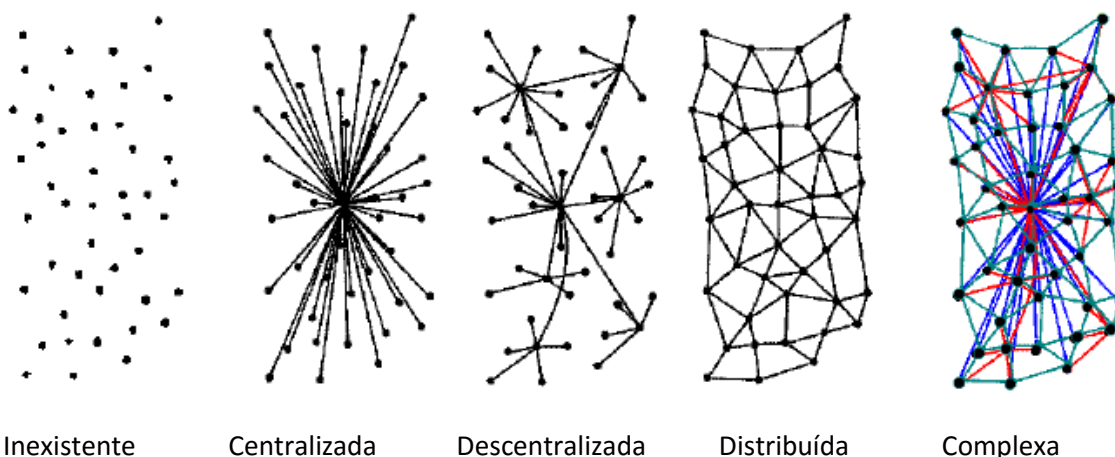
### 4.1. Exercício “diagramas”

No contexto do Encontro de trabalho da Rede ECG, que teve lugar nos dias 24 e 25 de outubro de 2015, a equipa de avaliação externa do projeto dinamizou um exercício de avaliação, tendo em vista aceder às vivências e percepções dos membros sobre o passado e o momento atual da vida da Rede, explorando-se perspectivas sobre a sua evolução ao longo do tempo, bem como as visões que têm em relação ao futuro desejado.

Num primeiro momento, constituíram-se dois grupos: o primeiro integrando elementos da primeira geração, isto é, pessoas que participaram no processo de constituição da Rede ou que a integram desde antes do Encontro Nacional de 2014. Uma parte dos elementos do primeiro grupo assistiu e participou no amadurecimento da ideia de criar uma Rede de educadores e envolveu-se no processo de estabelecimento das regras de funcionamento, na redação do Referencial, no dar a conhecer a ideia.

No segundo grupo, participaram os membros mais recentes da Rede, os que a integram numa fase já de crescimento e alargamento, a partir de julho de 2014 – mês de realização do IX Encontro Nacional.

A cada um dos grupos foi entregue um conjunto de diagramas que representam atores da Rede (pontos) e as relações, conexões e fluxos de comunicação que mantêm entre si (linhas). Cada diagrama espelha diferentes padrões de relação no interior das redes.



Aos dois grupos foi pedido que escolhessem ou desenhassem a configuração que melhor retratava as relações no interior da Rede no momento atual e “idealmente”, no futuro.

Adicionalmente, ao grupo da primeira geração, foi pedido que fizessem o mesmo exercício tendo por referência o momento em que entraram para a Rede e que identificassem, justificando, as mudanças vividas a que assistiram ao longo do tempo.

Aos dois grupos foi ainda pedido que identificassem diferenças entre as representações da Rede atual e da Rede “ideal” (elencando as razões que justificam a discrepância).



Em plenário, os e as porta-vozes dos grupos, apresentaram as conclusões e justificações dos grupos e abriu-se um espaço de diálogo e debate que foi gravado em áudio e transcrito (anexo 4). Os dois grupos não identificaram a Rede com os diagramas disponibilizados e optaram por traduzir as suas visões nos desenhos que se partilham no anexo 6.

No final, foi pedido a cada participante que inscrevesse num *post-it* algo de concreto que possa ser feito para orientar a evolução da Rede no sentido desejado. Os conteúdos desta partilha foram levados em linha de conta na elaboração das recomendações do presente Relatório.

## 4.2. Análise das interações

### Duas gerações, duas visões

Foi possível observar que as visões sobre a Rede e a sua evolução variam segundo a antiguidade dos seus participantes. Diferenças que foram evidentes no debate em plenário e sublinhadas, em diferentes momentos, pelos elementos mais recentes da Rede:

- *“Não veem nada do que nós vemos, realmente...” (Amália – Gualtar/Braga)*
- *“O facto de estarem cá há mais anos têm uma visão que é muito diferente”. (...) A nossa Rede e a vossa Rede são totalmente diferentes. Nós não temos a mesma visão da Rede. (...) Acho que vocês são os velhos do Restelo. (Ana - Gualtar/Braga)*
- A diferença de visões coloca-se, sobretudo, no que se refere ao lugar das ONGD CIDAC e FGS na vida da Rede: o grupo da primeira geração, por comparação com o segundo grupo, reconhece um papel de maior centralidade, “protagonismo” e importância às ONGD na vida da Rede.

As intervenções de diferentes membros da primeira geração vão no sentido de uma forte valorização do papel das ONGD na Rede.

- *“Estas organizações já têm um trabalho muito longo em ED, coisa em que a maior parte de nós estamos a dar os primeiros passos, portanto, se não fosse eles nos irem balizando ou questionando, pelo menos, para nós construirmos o nosso posicionamento, tinha sido muito mais difícil. Eu sinto isso!” (Margarida – Gualtar/Braga)*
- *“Dá alguma segurança haver uma estrutura mais organizada” (Margarida – Lisboa)*
- *“Sim, disponibilizam materiais e conhecimento... “ (??)*

Estes discursos de valorização do contributo das ONGD não estiveram tão presentes nos discursos dos novos membros chegando mesmo a afirmar o seguinte:

*“Até me pergunto, se as organizações saíssem, se eu notaria diferença”.*

A perceção não é, contudo, partilhada pelo universo dos elementos da segunda geração presentes na reunião tendo um elemento recente afirmado, referindo-se à Sandra Fernandes e

à Luísa Teotónio Pereira :

*“Desde que entrei senti que elas têm uma presença fundamental de resposta”. (Paula - Madeira)*

Vários elementos avançam com uma explicação para o desencontro nas visões das diferentes gerações, relativamente ao papel das organizações e que se prende com o facto de os mais recentes da Rede a terem conhecido e a terem integrado por intermédio de outros membros, que não foram as ONGD, que apenas vieram a conhecer à *posteriori*. O diálogo entre elementos da segunda geração, que se transcreve em seguida, é ilustrativo destas atribuições causais.

- *“Esta coisa de os novos membros virem a partir de outros membros da Rede também contribuiu para isso.(...)”*
- *“Nenhum de nós está aqui neste Encontro por causa nem da Sandra, nem do Jorge, nem da Luísa. À exceção de um ou outro, foram outros membros da Rede que nos disseram para vir. Depois vimos que havia a Sandra, a Fundação...(...) . Ao fim de um ano na Rede, percebemos, mas não tem o significado que vocês lhe dão. (Ana - Gualtar/Braga)*
- *“Eu vim pela Alda e até vir ao Encontro na Baixa da Banheira, até aí, a minha referência era a Alda, ela explicou o que era a Rede, mas de longe não ficamos com a noção. Depois, quando eu vim ao Encontro, é que percebi e aprofundei. [...] Ao conhecermos melhor a Rede, ao participar nas primeiras reuniões, percebemos que havia já uma equipa dinamizadora de que fazem parte a FGS e o CIDAC. (Paula – Funchal)*
- *“Mas damos-lhes um peso diferente que dão os outros.” (Ana – Gualtar/Braga)*

#### **4.3. Síntese: visões sobre o passado, o momento atual e horizontes de futuro**

O grupo da primeira geração reconstituiu o percurso da Rede, desde a sua “pré-história” até ao momento presente. O porta-voz do grupo descreve desta forma a “pré-história”:

*“isto tem uma **pré-história**, significa qualquer coisa como 2005, por aí, são toda uma data de encontros, iniciativas, projetos, etc. que houve antes da Rede, sob o protagonismo assumido, de facto, por parte das duas instituições que ainda hoje fazem parte da Rede, a Fundação Gonçalo da Silveira e o CIDAC. Portanto, havia alguns núcleos dispersos com, às vezes, alguns contactos, mas outros que tinham algum contacto, e portanto havia aqui claramente dois centros que colaboraram de perto: a Fundação e o CIDAC”*

O porta-voz do grupo da primeira geração descreve da seguinte forma o início da Rede:

*“O início da Rede que se situa, os trabalhos pré-preparatórios, em 2012. A Rede é constituída formalmente em 2013. Continua a haver o protagonismo das duas instituições, mas já começa a haver, em resultado dos passos que foram dados, outros centros e relações mais cruzadas, em resultado da experiência anterior, desse trabalho”.*

Quanto ao presente, nas palavras do porta-voz do grupo:

*“Permanece o protagonismo das 2 instituições, mas começa a haver muito mais ligações e muitos mais centros, muitas vezes por razões geográficas, seja por razões de grupos de trabalho, etc.”*

Fazendo notar que:

*“Do ponto de vista das ideias, das propostas, e assim, no início era muito mais notório o papel das duas organizações, agora não deixa de ser importante, mas, até pela vontade das próprias organizações, esse papel atenuou-se”.*

No que se refere ao futuro, há a expectativa e o desejo manifesto, do grupo da primeira geração, de que se multipliquem os “centros” e se reduza a centralidade/dependência das ONGD envolvidas no processo de criação e dinamização da Rede.

As representações deste grupo sobre o percurso da Rede e sobre o lugar das ONGD parecem fazer pouco sentido à maioria dos membros mais recentes que consideram existir um elevado grau de autonomia da Rede em relação às ONGD.

O diálogo que transcrevemos de seguida espelha de forma clara a discordância da geração mais recente relativamente a esta visão:

- *“Quando vocês apresentaram o vosso ideal, eu fiquei a pensar: mas isso já fazemos. Vocês apresentaram isso como o futuro, mas acho que isto já é a situação atual. (Alda - Funchal)*
- *Acho que eles já chegaram onde queriam, mas ainda não se aperceberam. (Amália - Gualtar/Braga)*
- (Risos)
- *Deu mesmo essa sensação quando o Luís apresentou...*
- *Exatamente, vocês já chegaram!*
- *O vosso futuro é o presente”.*

Contudo, ao serem confrontados com a questão de serem as organizações que têm assegurado a sustentabilidade financeira da Rede, através de projetos aos quais se candidataram, não foram apresentados contra-argumentos. A questão da sustentabilidade financeira foi, conforme constava da agenda da reunião, discutida na sequência deste exercício de avaliação. Esta questão, retomada nesta reunião, já tinha sido analisada conjuntamente em momentos anteriores (reuniões de 07 de fevereiro e 11 abril 2014), os elementos da rede, definiram os recursos considerados essenciais para o funcionamento da Rede ECG e identificaram uma série de possibilidades de os garantir, terminado o financiamento concedido a este projeto.

Quanto às representações da segunda geração relativamente ao passado da Rede, partilharam a dificuldade de construir uma narrativa comum e coerente, dado que cada elemento tinha diferentes visões, nas palavras da porta-voz do grupo *“cada cabeça, sua sentença, é muito engraçado este desafio que nos colocaram, porque cada um tem a sua percepção”.*

Quanto ao momento atual, sublinham a existência da equipa dinamizadora, e *“as relações que*

*se estabelecem entre todos, todos com todos e de todos para todos”.*

*Quando idealizam a Rede no futuro, propõem que esta estabeleça mais “pontes com a comunidade”, que “trabalhe para fora” que tenha uma maior “abertura à sociedade”, que a sua ação não se esgote em si mesma. Nas palavras de uma participante: “A Rede só faz sentido se for lá para fora” (Ana - Gualtar/Braga)*

Concretizando, os membros da segunda geração propõem que a Rede, no futuro, disponibilize *“materiais para todos na sociedade”* e tenha uma *“ação mais incisiva no poder decisório”*, preocupando-se com as *“decisões e políticas públicas: locais, nacionais e internacionais”*.

Foram ainda valorizados, nesse sentido, as intervenções em congressos, mas também nas assembleias municipais, a redação de artigos para jornais, a participação em programas de rádio: *“somos um grupo de cidadãos atentos, ativos, pró-ativos e interventivos”*.

Os representantes das ONGD, ao perspetivarem o futuro ideal, têm um discurso de incentivo claro à autonomia, considerando desejável a redução da centralidade e da dependência da Rede em relação ao CIDAC e à FGS. Desejo que aparece, assim, formulado nas palavras de um dos membros (da primeira geração):

*“ (...) A diferença tem a ver com aquilo que é assumido como vontade das duas organizações que é a redução progressiva do papel das duas organizações. Vocês tiveram um papel muito importante no arranque, mas gostariam de esbater esse papel”.*

Foi evidente, em diferentes momentos do processo avaliativo, a preocupação das ONGD, de promover a autonomização, em assegurar a existência de uma partilha crescente das responsabilidades, em fazer emergir outras lideranças e dinâmicas mais autónomas.

Os trechos que se seguem espelham este horizonte, partilhado pelos representantes das organizações, no sentido da redução da influência das ONGD fundadoras na vida da Rede:

- *“O objetivo é que, no futuro, se contacte uma das instituições como se contacta outro qualquer membro da equipa de dinamização, que é quem tem a tal visão geral da Rede. (Sandra Fernandes - FGS)*
- *“no futuro não há qualquer necessidade das organizações estarem na equipa de dinamização. (Jorge Cardoso - FGS)*
- *“poderá acontecer outra coisa: haver outras organizações que adiram à Rede e já não seremos duas instituições, seremos três ou quatro. (Luísa Teotónio Pereira - CIDAC)*
- *“Não pode ser uma Rede que fica eternamente dependente de um projeto, ou de duas organizações que conseguem fundos para as suas atividades”. (Jorge Cardoso - FGS).*

Estes discursos que incentivam a redução da dependência e da centralidade das ONGD membros da Rede provocam reações de insegurança e mesmo de “desamparo” em alguns membros da primeira geração. Como podemos ler nos trechos que se transcrevem:

- *“É um bocadinho perder o pai e a mãe (...) é preciso já ter muita autonomia para se dispensar o pai e a mãe. (Margarida – Gualtar/Braga)*
- *“Eu sentir-me-ia completamente órfã. No dia em que nos dissessem, “eu saio”, no dia que me dissessem “escusam de falar comigo que não vos atendo”, eu ficaria em*

*pânico*” (Vitória - Porto)

- *“Vocês (...) gostariam de esbater esse papel, mas isso tem de ser feito de uma maneira prudente”.* (Luís –Braga)

#### **Em síntese:**

Consideramos que este exercício foi muito rico, perspectiva que aliás foi expressa por diferentes participantes. Este exercício tornou claro que existem diferenças “geracionais” no que se refere às visões sobre a dinâmica da Rede e, em particular, no que concerne ao papel das ONGD.

No interior do grupo da primeira geração é amplamente partilhado o reconhecimento da centralidade das organizações na vida da Rede. Contudo distinguem-se diferenças no que se refere à preocupação/desejo relativamente à autonomização face às ONGD, que é sobretudo expresso pelos representantes das ONGD membros da Rede, produzindo alguma ansiedade e reticências em membros mais antigos.

As perspetivas partilhadas pelo grupo da primeira geração permitem concluir que desde o seu início têm assistido a uma progressiva “autonomização” da Rede.

A segunda geração tem uma visão mais descentralizada da Rede, veem já no presente a concretizar-se o que os elementos mais antigos perspetivam para o futuro. Esta visão, que não reconhece a centralidade do papel das ONGD, poderá ser explicada pelo próprio percurso e experiência individual dos membros mais recentes. Estes têm como referência outros membros individuais, que lhes deram a conhecer a Rede e com os quais interagem com frequência. Pomos também a hipótese de haver algum viés introduzido pela grande representação, no grupo da geração mais recente, de pessoas que participam na dinâmica estruturada de Gualtar/Braga, que efetivamente desenvolvem o seu trabalho localmente com reconhecida autonomia em relação às ONGD. É também possível que haja alguma ingenuidade e uma incompreensão insuficiente do trabalho implicado na dinamização da Rede, por parte de quem a integra mais recentemente.

Encontramos também diferenças nas perspetivas e desejos quanto ao futuro: a geração mais antiga coloca o seu investimento na criação de dinâmicas locais mais consistentes e autónomas e na redução da dependência das organizações, tendo no horizonte a emergência de lideranças mais partilhadas e menos centradas nas organizações que são membros da Rede.

A geração mais recente, ao perspetivar o futuro coloca o enfoque na intervenção da Rede na sociedade, não destacando o “trabalho interno”.

## **5. Síntese e Recomendações**

Finda a apresentação dos dados que recolhemos, importa agora apresentar uma síntese dos principais elementos que definem a Rede. Agrupámos nesta síntese dados relativos às várias

fontes de informação trabalhadas: entrevistas com as ONGD, questionário, observações, exercício “diagramas”, documentação do projeto. Este texto está organizado segundo eixos estruturantes da dinâmica da Rede e, para cada um, elaborámos comentários e recomendações sempre que tal nos pareceu pertinente, face à proposta de avaliação.

## **APRENDIZAGEM**

O conjunto dos dados recolhidos não deixa margem de dúvidas relativamente ao reconhecimento, por parte dos membros da Rede, de que esta se trata de um espaço relevante de aprendizagem, tanto do ponto de vista temático como metodológico.

A Rede constitui-se como espaço propício à partilha de experiências, à reflexão conjunta e à construção coletiva de saberes, o que se reveste de particular importância para os agentes educativos que a integram que, de uma maneira geral, trabalham isoladamente e não poderiam fazer individualmente as aprendizagens que fazem na Rede. Neste sentido, a partilha de experiências manifesta uma capacidade única de estímulo e de abertura de horizontes de possibilidades (pedagógicas) a outros docentes. Recorde-se a afirmação impactante de uma professora:

*“[na escola] estamos sempre a ouvir que não é possível mas quando chegamos aqui, alguém já fez”.*

Apesar dos elevados níveis de satisfação expressos no que respeita às aprendizagens, e em sintonia com as perspetivas das ONGD, consideramos ser importante que as partilhas de experiências pedagógicas na área da ECG sejam mais aprofundadas e investidas, enquanto pontos de partida para o debate e para a construção colaborativa de novos saberes. As experiências desenvolvidas em contextos pedagógicos poderão ser melhor aproveitadas e mais potenciadas para a construção conjunta de saberes, ampliando e enriquecendo os processos colaborativos de aprendizagem que ocorrem no interior da Rede.

Reconhecendo que não basta que alguém narre as suas experiências para que, quem as escuta, aprenda com elas e para que haja uma construção efetiva de novos saberes, as ONGD parceiras previram em sede de candidatura duas oficinas temáticas sobre “partilha de experiências”. Estas oficinas não chegaram a realizar-se por os membros da Rede terem considerado prioritárias outras áreas de aprendizagem.

Recomendamos que se retome o plano de estruturação de oportunidades para a reflexão sobre a partilha de experiências, ainda que estas possam assumir outras formas que não a de oficina. A título de exemplo, sugerimos que se pense coletivamente sobre o que podemos aprender a partir da narrativa de experiências, sobre o que faz sentido partilhar e o que se deseja saber quando se ouvem relatos.

O registo das experiências pedagógicas, que poderia ficar a cargo de um grupo de trabalho que apoiasse os educadores a elaborar essa memória, poderia constituir-se como o mote e como um estímulo importante para se aprofundar esta reflexão. A proposta é que se invista na elaboração de documentos de natureza semelhante ao documento “uma proposta metodológica para a realização de oficinas temáticas” desenvolvido no contexto deste projeto, a partir de uma oficina sobre o Comércio Justo realizada na Escola EB1 de Pedome (Vila Nova

de Famalicão). Este documento funciona como uma “base” (sempre adaptável) à realização de outras oficinas temáticas.

Durante o processo de avaliação, surgiram evidências de que a capacitação metodológica é amplamente reconhecida entre os elementos da Rede como uma das principais mais-valias associadas à participação na mesma. Surgem, em diferentes momentos, referências à apropriação de metodologias utilizadas nos Encontros e nas reuniões da Rede que são, de acordo com o partilhado por alguns participantes, transferidas e utilizadas nos contextos nos quais se movem, refletindo-se nas práticas pedagógicas destes educadores e educadoras, bem como na criação das dinâmicas locais com os seus pares nas respetivas escolas, transformando os seus habituais modos de fazer, tanto pedagógicos quanto institucionais.

São estas aquisições de ferramentas metodológicas, menos centradas nos temas do que nas práticas, que são mais vezes, espontaneamente, referidas e valorizadas pelos membros da Rede. Tal poderá ser explicado pela aplicabilidade deste “saber fazer”, percebido como útil e relevante para o enriquecimento das práticas pedagógicas.

Estas aprendizagens, ao nível das metodologias, realizam-se sem que sejam “ensinadas” e têm como fonte privilegiada as vivências que têm lugar na Rede. Há aquisições, sobretudo as que se referem a conhecimentos tácitos, que são fortemente favorecidas pela experimentação, pela “imersão” na dinâmica. Esta fonte de aprendizagem deve continuar a ser explorada, com a consciência da sua dimensão (auto)formativa<sup>8</sup> dos membros.

## **RELAÇÕES**

O clima relacional vivido no interior da Rede é muito positivo e caloroso. As pessoas tratam-se pelo nome, escutam-se mutuamente, valorizam os contributos dados pelos pares e, mesmo em situações em que as opiniões divergem, há uma grande cordialidade e empatia.

Os laços entre membros são significativos, há relações consolidadas e preocupação em acolher quem chega de novo. A qualidade do acolhimento recebido, que enquanto avaliadoras pudemos também experienciar, é referido por diferentes membros, tanto nos questionários, quanto no diálogo que presenciámos nos Encontros.

A integração dos participantes que se juntam à Rede, para além de ser facilitada pelo clima relacional positivo, de entusiasmo e familiaridade, que se vive no seu interior, é ainda promovido pelo incentivo à participação de cada pessoa que está presente nos encontros e pela disponibilização de documentos de referência (em particular do Referencial).

Creemos que poderia fazer sentido garantir um momento de acolhimento personalizado de cada um dos novos participantes, que cada pessoa tivesse um encontro/contacto de “boas vindas” durante o qual um membro experiente enquadrasse a pessoa quanto aos aspetos fundamentais da dinâmica e da história da Rede.

<sup>8</sup> Óscar Jara, a propósito das redes, Etienne Wenger, referindo-se às comunidades de prática, tal como muitos outros teóricos da formação de adultos, em particular da formação de educadores, chamam a atenção para o facto da formação ser sempre autoformação. Wenger salienta o facto de haver, numa comunidade de prática, a exigência quanto a esta liberdade de uma caminhada que é individualmente traçada, ainda que suportada por um coletivo, e em que o manancial de experiências, de práticas pessoais e coletivas, constitui uma componente central neste percurso formativo.

A qualidade das relações fortalece as interações no grupo, reforça o significado da própria Rede e cria condições para que todas as pessoas se sintam seguras para participar, o que é particularmente importante quando se tem no horizonte o desenvolvimento de aprendizagens colaborativas.

O ambiente que se vive na Rede, caloroso e colaborativo, é valorizado pelos membros e referido, em diversos momentos como fonte de gratificação. Esta dimensão relacional deverá continuar a ser investida, mantendo-se o clima positivo, propício à partilha, à aprendizagem e à ajuda mútua e que, ao mesmo tempo favorece a consolidação do sentido de pertença à Rede. Dever-se-ão antecipar esforços suplementares e prever mecanismos para lidar com um provável alargamento da Rede, para que se mantenha a atenção dada a cada pessoa e a valorização de todas as participações.

### **LIDERANÇAS PARTILHADAS**

A equipa de dinamização assume um papel fundamental na vida da Rede: pensa de forma estruturada e estratégica a sua ação, tem um papel de relevo nos processos de tomada de decisão, na organização dos Encontros nacionais e dos Encontros de trabalho, facilita o acesso a conteúdos, promove o desenvolvimento de grupos de trabalho, acompanha e estimula a emergência de dinâmicas locais, anima e motiva os membros para a participação.

As ONGD empenhadas na criação e no desenvolvimento da Rede integram a equipa de dinamização e ocupam um lugar central no quotidiano e na condução dos seus destinos. Este “protagonismo” é, como antes se referiu, motivo de preocupação para as ONGD que ambicionam uma maior autonomia da Rede. Foi lançado à Rede, por iniciativa das organizações, em diversos momentos (nomeadamente nas reuniões de 07 de fevereiro e 11 abril 2014 e na de 23 de Outubro de 2015) o desafio de se pensar conjuntamente, a sustentabilidade da Rede, na ausência de financiamentos externos e, conseqüentemente, face à previsível redução da disponibilidade das organizações para a sua dinamização. Exercício que, não conduzindo a respostas fáceis e prontas, nos parece de grande utilidade, antes de mais porque concorre para a responsabilização dos membros da Rede pelo seu futuro. Foi necessário que as ONGD que integram a Rede, por um lado, inteirassem os restantes membros da lógica dos projetos financiados, com os quais a maioria se encontrava pouco familiarizada e que por outro lado desencadeassem processos que levassem à identificação de estratégias para a manutenção do funcionamento da rede, na ausência de financiamentos externos. De entre as estratégias identificadas, encontram-se as seguintes: criação um fundo para apoio às viagens; almoços partilhados e/ou contributo monetário, dormidas partilhadas, pagamento de inscrição nos Encontros Nacionais, desenvolvimento de ações de formação pagas, venda de publicações produzidas no interior da rede, pedido de patrocínios a financiadores que obedeam a critérios a definir pela Rede.

Convivem visões diferentes sobre a centralidade/dependência da Rede relativamente às organizações que a integram, como foi possível observar no exercício de avaliação desenvolvido a partir dos diagramas. Neste contexto, faria sentido retomar-se o diálogo, negociando, aprofundando e enriquecendo pontos de vista no que se refere ao papel atual e



futuro das ONGD na Rede.

Nos momentos que observámos foi evidente que, para além dos e das representantes do CIDAC e da FGS, há um conjunto de elementos da Rede que atuam como líderes, assumindo responsabilidades, implicando-se ativamente no planeamento e na sua dinamização.

Por outro lado, observámos, diretamente e através de análise das memórias das reuniões, que a equipa dinamizadora potencia intencionalmente o envolvimento de todas as pessoas numa dinâmica de co-construção. Na condução das reuniões, adoptam-se estratégias metodológicas que fomentam a participação de todos os elementos, mesmo dos mais recentes, nos processos de planeamento, procura de formas de resolver problemas, avaliação e tomada de decisão.

Há espaço e incentivo para expressão de pontos de vista e sugestões. Nos diálogos entre participantes surgem propostas de atividades, sugestões de melhoria, partilham-se dúvidas, expectativas e dificuldades e são assumidos compromissos com a ação futura da Rede.

Estes parecem-nos estar entre os elementos fundamentais para um processo de co-construção da Rede, um processo de autonomização. Recomenda-se, por isso, que se mantenha (e reforce) este envolvimento coletivo, esta partilha da liderança, por coerência com os valores da ECG, mas também porque se refletem positivamente no sentido de compromisso e responsabilidade dos membros da Rede, fundamental para a sustentabilidade da mesma.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DINÂMICAS LOCAIS**

No que respeita às práticas pedagógicas e às dinâmicas locais, os testemunhos a que acedemos, permitiram verificar a fragilidade dos processos. Se por um lado a persistência de alguns – veja-se o caso de Gualtar/Braga – permitiu verificar a morosidade e profundidade dos processos, por outro, a sua vulnerabilidade, face a fatores como mudança individual de escola, de direção da escola, do apoio municipal, hostilidade do ambiente de escola, etc. que travam o desenvolvimento de práticas pedagógicas no quadro da Cidadania Global. Estes fatores desfavoráveis emergiram em partilha espontânea no contexto do 7º Encontro de Trabalho da Rede.

É também fator de bloqueio a falta de hábito colaborativo entre o professorado e, portanto, da dificuldade em encontrar pares com quem se possa desenvolver experiências, e são menos afirmativos ao apontarem a sua prática de Educação em Cidadania Global no âmbito profissional. A instabilidade da prática parece ser dominante, ficando votada, salvo algumas exceções, a um trabalho de duração circunscrita no tempo – existem dinâmicas locais que tiveram a duração de um ou dois anos – ou sujeita à condição profissional, individual, de cada educador ou educadora.

Como dizia um membro: *“o trabalho colaborativo é um desafio para as escolas. A minha participação na Rede é uma forma de pensar a escola como espaço transformador”*.

A Rede mantém a sua função de estímulo, formação, informação, colaboração, acompanhamento, crucial para o reforço de um trabalho que introduz mudanças a nível metodológico e de Cidadania Global nas escolas.

A ampliação e aprofundamento das práticas pedagógicas seria favorecida pela emergência e reforço de atitudes de abertura e valorização da ECG. Neste sentido, sugerimos que a Rede

encontre uma estratégia de comunicação orientada para as estruturas de enquadramento das iniciativas de Educação para a Cidadania Global, nomeadamente direções de escola e órgãos municipais. Esta comunicação trataria de sensibilizar estes organismos para as questões da ECG bem como de enquadrar no trabalho da Rede, com o fim de favorecer o reconhecimento, legitimação e apoio das experiências pedagógicas nesta área.

Ainda relativamente à comunicação consideramos importante que se dê continuidade ao processo em curso, que visa melhorar a comunicação interna na Rede, que passará necessariamente pela invenção de novas e mais intensas rotinas de comunicação. Este investimento concorrerá para o aumento do conhecimento mútuo, terá reflexos motivacionais e ampliará os sentidos de identidade e de pertença à Rede.

Tal como será adiante assinalado, a distância geográfica entre os membros é um fator complexo. Sendo um fator de atração, pela diversidade da realidade, contextos e experiências que a Rede abarca, é simultaneamente um elemento de dificuldade pelo esforço, nem sempre possível, que implica um acompanhamento a distância. Várias pessoas sugeriram a criação de um sistema de comunicação (boletim ou folha) informativa regular a enviar a todos os membros, em que fosse reunida informação breve sobre o curso das atividades que se estivessem a desenvolver.

## **REGISTO**

Há um investimento significativo no registo escrito. Com exceção do último Encontro de trabalho da Rede (Lisboa, 24 e 25 de outubro de 2015) e do X Encontro Nacional de ECG (Lisboa, 7 de julho de 2015) sobre todos os encontros de trabalho e os Encontros Nacionais realizados no âmbito do projeto foram redigidas memórias que são documentos completos e elaborados, que incluem dados sobre as decisões tomadas, os temas tratados, as pessoas que participaram e as avaliações.

Apesar de nem sempre o esforço do registo obter, no imediato, o retorno esperado, sendo pouco valorizado e por vezes até ignorado pelos/as participantes, é importante não desinvestir nestas produções. Efetivamente estes documentos permitem guardar e enriquecer a memória coletiva, permite aos e às participantes recuperar aquilo que viveram e construíram juntos e contribuem para o reforço da identidade da Rede.

Importante também neste sentido referir como positiva a possibilidade de consulta das interações na plataforma Moodle que se desenvolvem entre os membros da rede, onde podem ser trocadas notícias sobre os grupos de trabalho, encontros, novos membros, etc. Esta informação armazenada das interações ao longo do tempo permite também conservar a história e identificar tendências e mudanças. De salientar que o uso da plataforma Moodle resultou de um processo de decisão coletivo e que o critério acessibilidade teve peso na opção por esta ferramenta.

Neste sentido, pode afirmar-se que o registo do processo interno de criação e dinâmica da Rede é documentado com acuidade. Gostaríamos, no entanto, de propor a insistência no

registo experiências pedagógicas que se vão desenvolvendo. Importa, com efeito, guardar memória e tornar partilháveis estas experiências para que possam ser fonte de inspiração e aprendizagem para o conjunto dos membros da Rede. Conforme foi referido, e aproveitando a motivação dos membros para assumir uma parte significativa da vida da Rede, sugerimos a criação de um grupo de apoio ao registo das experiências pedagógicas, a partir de um trabalho previamente definido.

## **AVALIAÇÃO**

A aceitação, o acolhimento, a implicação nas propostas de atividade de avaliação (aplicação de questionário e exercício sobre os diagramas da Rede), bem como a recetividade e confiança perante o pedido de observação do Encontro de trabalho pela equipa de avaliação externa, demonstram claramente uma prática de avaliação corrente, vivenciada numa perspetiva construtiva.

Pode dizer-se, com efeito, que existe na Rede uma cultura da avaliação: há um grupo de auto-avaliação, nos encontros de trabalho da rede há tempo dedicado à avaliação da atividade da Rede e a cada encontro se recolhem e tratam dados para a avaliação.

Importa recomendar que se mantenha a rotina de avaliação contínua assumida ao longo do projeto no qual se estruturam, sistematicamente, oportunidades de reflexão sobre as atividades e os próprios processos internos de co-construção: fomenta-se o debate, o pensamento crítico, a procura de alternativas. Esta prática de avaliação contribui fortemente para desenvolver a capacidade da Rede se pensar a si mesma, para a sua autorreflexividade.

Gostaríamos de salientar e enaltecer esta prática, desenvolvida paulatinamente pelas equipas que participaram na co-construção da Rede, em especial pelo contexto em que acontece. A avaliação de professores foi tema de profundas discórdias e deixou o grupo profissional docente muito relutante no que concerne a situações de observação e avaliação do seu trabalho. Por este motivo, o exercício de um hábito regular de observação do próprio trabalho é uma tarefa particularmente meritória.

## **O TEMPO**

A falta de tempo para dedicar na Rede por parte dos educadores e educadoras é uma limitação diversas vezes referidas. Os ritmos e as exigências profissionais limitam as disponibilidades e comprometem os níveis de colaboração, bem como a regularidade das interações entre participantes.

Importa que se mantenha uma atitude de acolhimento e que se continue a evitar atitudes culpabilizantes daqueles/as que, em dado momento, se “ausentam”. Simultaneamente, faz sentido que se torne intencional e corrente a explicitação da importância dos contributos individuais dados.

A motivação para manter a participação na Rede, apesar dos constrangimentos de tempo, implica que os e as participantes reconheçam como evidentes os benefícios que retiram da sua própria participação e que podem ser de natureza muito diferente: poderão estar ligados ao

aumento das competências e recursos mobilizáveis no contexto profissional, poderão ser ganhos relacionais e/ou motivacionais. Poderão simplesmente ter a ver com o significado atribuído à contribuição para o “empreendimento comum” (na conceção de Wenger) que é a Rede.

É, assim, fundamental uma atenção constante aos níveis de motivação dos membros da Rede e neste sentido, consideramos que os habituais processos de auscultação e a “rotina” de avaliação de cada um dos Encontros permitem retirar conclusões sobre os níveis de satisfação dos e das participantes e identificar eventuais ajustamentos necessários para que a Rede vá ao encontro das necessidades e interesses de quem a integra.

Neste sentido, recomenda-se a monitorização sistemática dos níveis e padrões de participação nos encontros da Rede, bem como das adesões e desvinculações à mesma, procurando compreender as causas explicativas destes fenómenos e construindo respostas capazes de manter e reforçar o vínculo à Rede por parte dos seus membros.

### **O FATOR GEOGRÁFICO**

A distância física, entre os elementos da Rede, não se tem constituído como um entrave ao seu desenvolvimento. A diversidade da origem geográfica dos membros é vista como uma riqueza pela diversidade de pessoas e experiências, bem como pela amplitude da Rede que, desta forma, assume um carácter nacional.

Tem sido possível financiamento para as deslocações/alojamento, na medida em que há um projeto com dotação orçamental para este tipo de despesas, e têm sido encontradas formas de comunicação alternativas, aos momentos presenciais, sendo as TIC, pelas ferramentas de comunicação assíncronas (moodle, email) e síncronas (skype), recursos importantes para ultrapassar limitações geográficas e de tempo, complementando as formas tradicionais de interação.

Contudo, a comunicação através das TIC, não substitui a interação face a face, a presença, que são elementos muito valorizados por diversos membros, tendo sido apontada a escassez de momentos presenciais como uma fragilidade da Rede.

Consideramos que seria relevante uma forma de comunicação com regularidade plurianual, por exemplo uma *newsletter*, que incluía notícias sobre os Encontros da Rede, bem como as dinâmicas locais de ECG em curso, permitindo manter a proximidade à Rede, aos rostos que a integram e aos trabalhos que se realizam.

### **ÂMBITO DA INTERVENÇÃO**

No decorrer do exercício “diagramas”, no que respeita à idealização de um futuro para a Rede, a geração mais recente manifestou o desejo de afirmação da Rede enquanto “grupo de cidadãos atentos, ativos, pró-ativos e interventivos”, criando uma voz no espaço público (foram referidos meios de comunicação social, assembleias municipais, etc.) a nível de “decisões e políticas públicas: locais, nacionais e internacionais”. Esta ideia vem propor um alargamento dos objetivos e âmbito de intervenção da Rede<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Lembram-se os objetivos da Rede, definidos no referencial:

Creemos que a proposta resulta de um entusiasmo salutar, sinal de envolvimento, sentido de pertença e apropriação da Rede. Não por acaso a “geração mais antiga” foi mais cautelosa na sua proposta, conhecedora da complexidade do funcionamento da Rede e da persistência requerida para a sua existência e desenvolvimento.

Com efeito, o objeto central da Rede é manifestamente pertinente e o cumprimento dos seus objetivos correspondem a uma tarefa de longo prazo. Parece-nos que a realização da proposta apresentada por este grupo, mais recentemente integrado na Rede, envolve riscos de alguma dispersão, podendo comprometer o investimento no trabalho ainda por consolidar, a saber a Educação para a Cidadania Global nas escolas, mas igualmente do contexto da própria Rede como temos vindo a constatar.

Convém, cremos, acautelar um alargamento sem uma perspetiva bem definida e sobretudo de um âmbito diverso daquele que foi traçado e cuja delimitação foi já trabalho

Este comentário não se refere, no entanto, a práticas pedagógicas que assumam um cariz interventivo. É, ao contrário, de valorizar iniciativas pedagógicas que se constituam como um exercício de cidadania para as crianças e jovens envolvidos.

- 
1. Facilitar o acesso e o intercâmbio entre educadores/as, de materiais e de informação, no âmbito da Educação para a Cidadania Global em contexto escolar;
  2. Proporcionar oportunidades de partilha, de reflexão e de formação entre pares sobre Educação para a Cidadania Global;
  3. Apoiar os/as educadores e as escolas na compreensão e construção de respostas aos desafios da sociedade atual, na perspetiva da Educação para a Cidadania Global.

## Conclusão

O objetivo central do projeto auscultado era “fortalecer o processo de co-construção de uma Rede de Educação para a Cidadania Global em meio escolar”. Pelo referido, em particular na síntese apresentada no capítulo anterior, cremos ser evidente que estamos perante um trabalho bem sucedido.

A participação na Rede foi reconhecida como tendo reflexos no desenvolvimento pessoal e profissional dos educadores e das educadoras que a integram. É expectável que a Rede tenha também impacto noutros planos, designadamente:

- ao nível das crianças e jovens, beneficiárias finais, no que respeita à sua formação cidadã;
- a nível institucional, as escolas são interpeladas pelo modo organizativo menos hierarquizado e sobretudo mais colaborativo que professores e professoras levam para as instituições em que trabalham e desenvolvem a sua prática de Educação para a Cidadania Global;
- e a nível da sociedade em geral, que é também interpelada pelas questões da Cidadania Global, sempre que a Rede e cada uma das experiências pedagógicas ultrapassam as fronteiras da escola para questionar, inquirir, debater junto da comunidade local.

Os resultados observados revelam o âmbito e a intensidade do empenho persistente e resiliente. O projeto propôs-se abordar uma área pouco explorada e em terreno difícil: a “co-construção de uma rede de educadores” o que é, já de si, um elemento a destacar. Urge, pois, valorizar e reforçar o trabalho desenvolvido, das pessoas nele envolvidas e em especial às organizações que lideraram (cada vez menos) com parcimónia, capacidade de escuta e de adaptação.

A propósito da vida das redes, Óscar Jara refere que: “O que fortalece a rede é o que está fora, os desafios; os desafios conjuntos em função dos quais as pessoas vão trabalhar em conjunto num dado contexto e momento histórico”. Trata-se de analisar a Rede a partir de duas entradas: a vida da rede no que ela comporta de organização e dinâmica interna; e o objeto da Rede, neste caso a Educação para a Cidadania Global que é afinal a sua razão de existência.

A síntese apresentada permitiu verificar que o foco central do trabalho desenvolvido incidiu em especial na primeira ‘entrada’, isto é, na organização e dinâmica interna da Rede. Este era, afinal, o intuito principal do projeto. Futuramente importa, assegurando e até reforçando a capacidade auto-organizativa, priorizar a segunda ‘entrada’. O desenvolvimento de práticas de Educação para a Cidadania Global constitui a componente que requer mais atenção e persistência, dada a complexidade apontada. Ficamos, pois, com elevadas expectativas quanto ao futuro da Rede.

A realização deste trabalho de avaliação foi para a equipa um momento gratificante. Proceder a uma auscultação em condições pautadas pela disponibilidade, pela abertura ao desafio, pela

reflexão conjunta, são fatores que enriquecem uma tarefa desta natureza. A avaliação do projeto inscreveu-se efetivamente numa prática de diálogo, de troca de ideias e de aprendizagem coletiva.

Todo o exercício de avaliação (a conceção e a implementação) aconteceu em estreita colaboração com o CIDAC e a FGS, procurando-se dar resposta às questões e preocupações mutuamente partilhadas e garantir a adequação e utilidade desta avaliação externa.

Estas organizações pares foram envolvidas em todas as etapas do processo de avaliação: participaram na definição dos objetivos e estratégias da avaliação, validaram o dispositivo de avaliação proposto, bem como os instrumentos de avaliação concebidos pela equipa de avaliação externa. Contribuíram ainda para a análise crítica dos resultados e das recomendações.

O processo avaliativo foi também um espaço seguro e livre, em que pudemos expressar opiniões, colocar questões, explorar caminhos pouco conhecidos.

O nosso trabalho foi facilitado pela riqueza dos documentos produzidos e partilhados no projeto. Foi também determinante a possibilidade de poder presenciar em dois Encontros, momentos chave da vida da Rede.

Para Bernoux (2004) “para tornar útil a avaliação, é necessário que ela seja apreendida como um processo de reconhecimento dos problemas e potencialidades de um dado território, até motivar o desejo partilhado de uma mudança social” (p. 46). No presente caso, não teríamos ambição senão a de contribuir para este desejo.

Procurou-se que as metodologias propostas permitissem uma reflexão individual e coletiva sobre os posicionamentos e as perspetivas acerca da Rede. Procurou-se que os exercícios contribuíssem para a autorreflexividade e para a apropriação da Rede pelo conjunto dos seus membros, no sentido do fortalecimento de um processo de co-construção, como era intenção do projeto.

A possibilidade de assistir à dinâmica de um conjunto de educadores e educadoras que se reúnem para se apoiarem no desenvolvimento de temas de Cidadania Global, esteve na origem de um novo olhar sobre processos similares em que o Graal está implicado, nomeadamente no que se refere à dinamização da rede nacional do Banco de Tempo. Os mais diversos aspetos da vida da Rede foram objeto de reflexão permanente na equipa, pondo-os em relação com experiências próprias, por exemplo: as formas de organização do trabalho, a gestão da participação e de distribuição das responsabilidades, o modo de lidar com as condicionantes institucionais e motivacionais dos membros envolvidos, a amplitude dos níveis de ação e acompanhamento, dos locais e até individualizados, até ao âmbito nacional, de afirmação da Rede a nível do espaço público, entre outros.

Neste sentido, cremos ser possível considerar que este trabalho tanto contribuiu para uma autorreflexividade por parte da equipa de avaliação, quanto para o desenvolvimento de competências de avaliação de redes. Por outro lado, sai reforçada a perspetiva de uma confiança entre as organizações pares que estiveram envolvidas neste processo.

Esperamos que o registo e a análise elaborada e apresentada neste documento seja pertinente e contribua para o conjunto de membros da Rede, no sentido de um investimento consciente

e escolhido. É também nossa expectativa que este relatório possa enriquecer o processo de aprendizagem e reflexão sobre a avaliação em ED em curso no grupo ED. O CIDAC e a Fundação Gonçalo da Silveira partilharão, com este grupo, esta experiência de avaliação por pares.

Do ponto de vista da equipa de avaliação terminamos satisfeitas com este trabalho, na esperança de poder aprofundar a avaliação por pares, de que pudemos experimentar as potencialidades anunciadas. Ficamos também com elevadas expectativas quanto ao futuro da Rede de Educação para a Cidadania Global.



## Bibliografia

- Ardoino, Jacques e Berger, Guy (1989). *D'une évaluation en miettes à une évaluation en actes*. Paris: ANDSHA – Matrice.
- Bernoux, Jean-François (2004). *L'évaluation participative au service du développement social*. Paris: Dunod.
- Kaboré, Anne et all. (2009). *L'évaluation des actions d'Education au développement et à la solidarité internationale*. Actes de la journée du 10 décembre 2009.
- Laybourn, Christina (2011). *Evaluations of NGO International Development and Humanitarian Work*. Bond: [https://www.bond.org.uk/data/files/Effectiveness\\_Programme/Briefing\\_on\\_practices\\_and\\_debates\\_in\\_evaluation.pdf](https://www.bond.org.uk/data/files/Effectiveness_Programme/Briefing_on_practices_and_debates_in_evaluation.pdf)
- Mance, Euclides André (2015). *Teorias de Rede – Introdução concetual e elementos organizativos*. [http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1367354901\\_ARTIGO%20REDE.pdf](http://redeescoladegoverno.fdrh.rs.gov.br/upload/1367354901_ARTIGO%20REDE.pdf)
- Santos, Madalena Pinto (2002). *Um olhar sobre o conceito de 'Comunidades de prática'*. Doc Policopiado.
- Sierra, Adélie Miguel (2009). *Etats de la question en Belgique : Enjeux, positionnements des acteurs*. Actes de la journée du 10 décembre 2009. Documento policopiado.
- VVAA. (2011). *FoRS Code on Effectiveness*. Czech Forum for Development Cooperation. Documento policopiado.
- Wenger, Etienne (2008). A aprendizagem acontece na interacção entre a pessoa e o mundo social (Entrevista a Etienne Wenger). In: *Revista Aprender ao longo da vida*. N. 8, pag. 10-16.

### Webgrafia:

- Jara, Óscar (2013). Trabalho em Rede.  
<https://www.youtube.com/watch?v=8zD5Q6Uqkak>